



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ANABELA DOMINGUES MARTINS

**O papel da família na educação dos adolescentes e
a sua relação com a escola**

**Contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para a
promoção do valor da família**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

Braga

2014

Breton:

O que é o teu ateliê?

Giacometti:

São dois pequenos pés que caminham.

André Breton e Alberto Giacometti

1934

Dedico este trabalho e a “luta” de dois anos à minha família, pelo apoio e compreensão que sempre manifestaram, ao marido e muito particularmente aos meus filhos Catarina e Francisco com votos de que, também eles à semelhança e seguindo o exemplo de Jesus, cresçam em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.

Esta foi e é também uma forma de homenagear a mãe e avó Graça que “está sentada nas nuvens a rezar...”

Não posso deixar de agradecer aos meus colegas de “viagem”, sem eles este projeto dificilmente se concretizaria.

Um grande bem-haja a todas as pessoas, nomeadamente ao querido e saudoso padre João, às professoras Isabel Varanda e Maria José, que se foram cruzando no meu percurso e me ajudaram a crescer...

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
CAPITULO I – FAMÍLIA, DESAFIOS ATUAIS E A PERSPETIVA CRISTÃ	6
1. Alterações culturais e o seu impacto na família	7
2. Família e educação	13
3. Contributos do Magistério da Igreja para a clarificação de um conceito da família à luz da fé cristã - desafios e missão	18
<i>3.1. Constituição Pastoral Gaudium et Spes - A promoção da dignidade do matrimónio e da família</i>	20
<i>3.2. Exortação Apostólica Familiaris Consortio</i>	21
<i>3.3. Carta de João Paulo II às Famílias</i>	26
<i>3.4. Síntese</i>	28
CAPITULO II - O CONTRIBUTO DA DISCIPLINA DE EMRC PARA A PROMOÇÃO DOS VALORES FAMILIARES	29
1. Contextualização do lugar da disciplina de EMRC na escola	30
2. A EMRC: um veículo de evangelização	34
CAPITULO III – ELABORAÇÃO DE UM DISPOSITIVO PRÁTICO E PEDAGÓGICO PARA A UNIDADE LETIVA: A FAMÍLIA, UMA COMUNIDADE DE AMOR	36
1. Caracterização da escola e da turma	36
2. Apresentação da unidade letiva	38
<i>2.1. Planificações</i>	46
<i>2.2. Avaliação da unidade letiva</i>	56
CONCLUSÃO	57
BIBLIOGRAFIA	59
ANEXOS	63

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada e com ele pretendemos fazer uma breve abordagem crítica acerca da temática da família.

Este é um tema que, aliás, me é particularmente querido, e por esse motivo, considerámos a lecionação da unidade letiva, “A família, comunidade de amor”, no contexto das propostas do 6º ano, como uma oportunidade para aprofundar os conhecimentos nesta área.

As famílias estão em constante processo de maturação e mudança, por isso, este é um tema sempre atual, não só para a nossa sociedade em geral, mas também, particularmente, para a Igreja, já que o próximo Sínodo dos Bispos, que terá a sua primeira fase em outubro deste ano, 2014, procurará estudar “Os Desafios Pastorais da Família no Contexto da Evangelização”.¹

Também as Nações Unidas declararam o ano de 1994, como o ano Internacional da Família, cujo tema foi: “Família, Capacidades e Responsabilidades num Mundo em transformação” e consagraram o dia 15 de maio como o Dia Internacional da Família, considerando a família como “a pequena democracia no coração da sociedade”.

As famílias constituem um tecido estruturante da sociedade e da Igreja e por esse motivo não podem deixar de merecer uma especial atenção, tanto por parte do Estado, como da própria Igreja. A defesa da família é hoje uma tarefa difícil, mas também a mais urgente. Partindo deste pressuposto, pretendemos, portanto, ao longo deste trabalho aprofundar o conhecimento acerca da realidade que é a família e qual será o seu impacto na sociedade, e mais particularmente, na educação dos nossos jovens e adolescentes.

Este trabalho está dividido em três capítulos. Num primeiro capítulo, faremos uma abordagem aos desafios lançados às atuais famílias, particularmente às famílias cristãs, procurando problematizar a questão do papel das famílias na educação dos adolescentes e de seguida procuraremos realizar uma breve reflexão baseada em alguns documentos do Magistério da Igreja.

Num segundo capítulo, refletiremos acerca da mais-valia que a EMRC representa, na escola, para a transmissão dos valores e conseqüente formação dos adolescentes, tendo em

¹ Cf. III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*, Documento preparatório, Vaticano 2013. Texto disponível online em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20131105_iii-assemblea-sinodo-vescovi_po.html, consultado em 10/02/2014.

consideração também a minha prática diária. Neste capítulo faremos, ainda, alusão à missão e ao testemunho do professor de EMRC na escola.

Por fim, no terceiro e último capítulo, depois de fazer o enquadramento geral da escola, será então apresentado o dispositivo pedagógico relativo à unidade lecionada: “A família, uma comunidade de amor”.

CAPITULO I – FAMÍLIA, DESAFIOS ATUAIS E A PERSPETIVA CRISTÃ

Neste capítulo pretendemos fazer uma reflexão atualizada acerca dos desafios propostos à família, enquanto instituição social, económica e teológica.

“Os mais diversos especialistas, desde antropólogos a sociólogos ou historiadores foram verificando que existia, entre todos os povos, uma realidade comum denominada família”². “A residência comum, a cooperação económica e a reprodução biológica são os elementos essenciais da realidade familiar através dos tempos e nas diferentes culturas”³.

Historicamente, o que podemos dizer de mais fundamental é que a família, sendo uma instituição ancestral, universal, de formação multivariada e culturalmente determinada, tem sabido resistir e adaptar-se a todas as transformações e mutações familiares e sociais, tendo ela própria participado, enquanto “*sujeito-ator*”, nessa mesma dinâmica social ao longo dos tempos.⁴

A família constitui a mais pequena e primordial comunidade humana sempre foi considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem. No seu núcleo essencial, esta visão não mudou nos nossos dias. A família é realmente uma comunidade de pessoas, para quem o modo próprio de existirem e viverem juntas é a comunhão: *comunhão de pessoas*.⁵

Uma família desenvolve-se a partir de um casal – mulher e homem que sendo diferentes, estabelecem entre si uma aliança e se unem em torno de um projeto e, com todos os que nela nascem, crescem e envelhecem, dá origem a uma rede extensa e complexa de laços. Essas relações de convívio e esses laços de parentesco sedimentam o conjunto das funções essenciais do acolhimento e da socialização, da entajuda e da solidariedade. Para além de garantir a continuidade da espécie a família também assegura outra reprodução: a dos

² A palavra *família* é de origem latina: apareceu em Roma derivada de *famulus*, que quer dizer servidor, mas não se aplica ao que entendemos atualmente por este termo. Na Roma Antiga *família* designava o conjunto dos escravos e dos servidores, mas também toda a *domus* (casa), isto é, todos os indivíduos que vivem sob o mesmo teto e os bens patrimoniais pertencentes a essa casa, numa hierarquia que mantinha, por um lado, o senhor e, por outro, a mulher, os filhos e os servidores, vivendo sob a sua denominação. in Maria Engrácia LEANDRO, “Transformações da família na história do ocidente”, in *Theologica*, 2006, 52.

³ Cf. George Peter MURDOK, *Social Structure*, Mcmillan, New York, 1949, 1, citado por Augusto da SILVA, “Permanência e mudança da família na sociedade de hoje”, in *Communio Revista Internacional Católica*, 1986, 485.

⁴ Maria Engrácia LEANDRO, “Transformações da família na história do ocidente”, in *Theologica*, 2006, 52.

⁵ JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às famílias*, 2 fevereiro 1994, n.7. Texto disponível online em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families_po.html, consultado em 10/02/2014.

saberes, dos comportamentos, dos valores indispensáveis à nossa vida individual e coletiva. Com efeito, uma das funções principais da família e, portanto, uma das suas principais responsabilidades é a educação e a formação das pessoas. Na família dão-se múltiplas e exclusivas aprendizagens estruturantes da personalidade. Para além da centralidade da família na vida de cada pessoa, há que referir mudanças importantes na família enquanto instituição.⁶

1. Alterações culturais e o seu impacto na família

Com efeito, a família tem atravessado todas as épocas de profundas transformações políticas, económicas e sociais que, no caso das sociedades ocidentais, foram passando do predomínio das organizações estatais de poderes centralizados para sistemas mais democráticos em que se valoriza, predominantemente, a liberdade, a racionalidade, a igualdade de oportunidades e o indivíduo, ao mesmo tempo que se faz a transição da economia camponesa para a economia industrial e para a terciária, como acontece atualmente com a intensificação da urbanização das sociedades contemporâneas.⁷

As mudanças a que temos assistido, particularmente desde meados do século XX até aos nossos dias, muitas vezes acabam por ser tentativas poderosas de ordem política e ideológica, para denegrir a importância da família enquanto instituição. Podemos constatar uma certa fragilização das famílias, começando, desde logo, pela redução da taxa de nupcialidade, o aumento das uniões de facto, a reduzida taxa de natalidade, a legalização do aborto e o aumento do número de divórcios que fazem crescer o número de famílias de coabitação monoparental ou reconstituídas. A acrescentar, podemos ainda destacar a idade tardia com que se realiza o casamento e com que se tem o primeiro filho. Por outro lado, a crise económica, os fluxos migratórios e a necessidade de conciliar a vida familiar e a vida profissional por parte dos cônjuges representam também fatores com elevado impacto na organização familiar. As circunstâncias laborais, muitas vezes, atentam contra a família, na medida em que colocam o marido numa determinada área geográfica e a esposa numa outra

⁶ Maria Teresa RIBEIRO, “Intervenções educativas, preventivas e terapêuticas”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed. Principia, Cascais, maio 2010, 449.

⁷ Maria Engrácia LEANDRO, “Transformações da família na história do ocidente”, in *Theologica*, 2006, 53.

distante, ficando os filhos privados da presença do pai ou da mãe durante muito tempo. Estas situações levam, em alguns casos à rutura da família. A juntar a todas estas questões, o Estado nem sempre assume uma política responsável de proteção e de apoio às famílias.

Apesar da Declaração Universal dos Direitos do Homem no seu artigo 16º referir a família como o núcleo natural e fundamental da sociedade e do Estado, as políticas europeias, neste momento, vão no sentido precisamente oposto: não se fala dos direitos e das responsabilidades da família, mas sim de direitos e responsabilidades dos indivíduos na família. A globalização e o individualismo promovem um estilo de vida que dificulta o desenvolvimento e a estabilidade dos laços entre as pessoas e não é favorável à promoção de uma cultura da família. Neste sentido, as leis não podem apenas tutelar direitos pessoais, têm também de tutelar direitos sociais e marcar referências de dignidade de uma instituição basilar para as pessoas e para a comunidade, no presente e para o futuro. A título de exemplo, conforme refere Daniel Sampaio na sua obra *Da Família, da Escola, e Um Quantas Coisas Mais*⁸, fazer uma lei que facilita o divórcio, sem garantir apoio psicossocial às famílias foi insuficiente. Algumas ideias que estão na base de várias leis ou propostas de lei promovem o alargamento do conceito de família a novas formas, alargamento esse que conduz à destruição da forma original.

Podemos, neste momento, colocar a seguinte questão: será que estas novas tendências relativamente à família constituem uma inevitável consequência do processo cultural? D. José Policarpo afirmava que o ser humano “é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido”. Apresentamos, então, previamente uma noção de cultura:

A cultura é definida como a expressão da vida propriamente humana que permite levar uma existência eticamente conforme com as leis da natureza e capaz de possibilitar um desenvolvimento real das diferentes atitudes presentes no homem.⁹

É próprio da pessoa humana necessitar da cultura, isto é, desenvolver os bens e os valores da natureza, para chegar a uma autêntica e plena realização. Por isso, sempre que se trata de vida humana, natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas.¹⁰

⁸ Daniel SAMPAIO, *Da Família, da Escola, e Um Quantas Coisas Mais*, Editorial Caminho, Lisboa, 2011, 154.

⁹ Rino FISICHELLA, “Família cristã e mudança cultural”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, op. cit., 355.

¹⁰ PAULO VI, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, (7 de dezembro de 1965), in AAS 58 (1966), n.53.

O que se dizem ser mudanças culturais, por vezes, mais não são do que formas ideológicas, mais ou menos fugazes, que tendem a ser impostas. No sentido de preparar um futuro melhor, devemos valorizar os aspetos positivos das mudanças culturais.

Quando falamos de família na nossa sociedade situamo-nos numa matriz judaico cristã, no entanto, não podemos deixar de apontar a emergência de outras situações familiares neste espaço sociocultural.

A família alargada tradicional deu lugar à família nuclear mais reduzida, muitas vezes transplantada dos meios rurais para os meios urbanos e operários, a bater-se inicialmente com o espaço das casas, da relação com estranhos, da novidade dos trabalhos em que tem de se ocupar, do frágil acompanhamento dos filhos, agora dispersos por escolas com muitos alunos e amigos desconhecidos.¹¹

Reconhecendo a universalidade da questão familiar, convém não esquecer a existência de tipos de família muito diversificados, no espaço e no tempo. Um novo entendimento sobre o amor, a afetividade e o casamento vai conduzir a novas tipologias familiares. Hoje, em muitos países, casar ou não casar não é relevante.

O valor da indissolubilidade matrimonial é ignorado sempre mais; reclamam-se formas de reconhecimento legal para as convivências de facto, equiparando-as aos matrimónios legítimos; não faltam tentativas para serem aceites modelos com casais onde a diferença sexual não resulta essencial.¹²

Também entre nós tem aumentado as uniões de facto, o número de matrimónios realizados apenas perante a autoridade civil, e o número de divórcios também é crescente o que se traduz, por exemplo, em novas recomposições familiares, nomeadamente, nas famílias monoparentais, famílias com filhos de diferentes casamentos. Não se pode pensar a família como se houvesse um único padrão, o tradicional, de cariz religioso.

A família é uma realidade viva que, no concreto da sua existência, se desenvolve, cresce e está sujeita a “transformações amplas, rápidas e profundas, quer culturais, quer

¹¹ D. António MARCELINO, *A Vida também se lê*, III Vol., Diocese de Aveiro, Gráfica de Coimbra, 2002, 133.

¹² JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, (28 de junho de 2003) in AAS 95, 4, n. 90.

sociais”.¹³ As alterações sentidas na sociedade global e que se repercutem em todos os setores da vida, nomeadamente nos domínios da economia, ciência, tecnologia e relações sociais, ajudam-nos a compreender as mudanças que se vão registando nas famílias. Em 26 de novembro de 2013, o Santo Padre Francisco, na sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), fez algumas alusões importantes à realidade da família cristã, nomeadamente:

A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. Não podemos ignorar e muito menos negar que a saúde da sociedade está intimamente ligada à saúde da instituição familiar.¹⁴

O Papa Francisco acrescenta ainda no documento preparatório relativo ao Sínodo: Família e Evangelização.

Hoje perfilam-se problemáticas até há poucos anos inéditas, desde a difusão dos casais de facto, que não acedem ao matrimónio e às vezes excluem esta própria ideia, até às uniões entre pessoas do mesmo sexo, às quais não raramente é permitida a adoção de filhos. Entre as numerosas novas situações que exigem a atenção e o compromisso pastoral da Igreja, será suficiente recordar: os matrimónios mistos ou inter-religiosos; a família monoparental; a poligamia; os matrimónios combinados, com a conseqüente problemática do dote, por vezes entendido como preço de compra da mulher; o sistema das castas; a cultura do não-comprometimento e da presumível instabilidade do vínculo; as formas de feminismo hostis à Igreja; os fenómenos migratórios e reformulação da própria ideia de família; o pluralismo relativista na noção de matrimónio; a influência dos meios de comunicação sobre a cultura popular na compreensão do matrimónio e da vida familiar; as tendências de pensamento subjacentes a propostas legislativas que desvalorizam a permanência e a fidelidade do pacto matrimonial; o difundir-se do fenómeno das mães de

¹³ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (22 de novembro de 1981) in AAS 74 (1982), n.1.

¹⁴ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), n.6. Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html, consultado em 23/02/2014.

substituição (“barriga de aluguer”); e as novas interpretações dos direitos humanos. Mas sobretudo no âmbito mais estritamente eclesial, o enfraquecimento ou abandono da fé na sacramentalidade do matrimónio e no poder terapêutico da penitência sacramental.

A partir de tudo isto compreende-se como é urgente que a atenção do episcopado mundial, “cum et sub Petro”, enfrente estes desafios.¹⁵

As ameaças à família e à vida são ameaças contra o ser humano. Aqui e ali, com muitas vítimas, há sinais visíveis de destruição do tecido familiar. O sentimento de segurança de outrora poderá, neste momento, dar lugar à sensação de que a família está “em crise” ou “sob ameaça”.

As graves consequências sociais e familiares aparecem ao lado da desvalorização da família humana. Entre as consequências destacam-se a violação e degradação da vida humana e uma nova visão utilitarista das pessoas em todos os seus aspetos. De acordo com Daniel Sampaio:

É difícil que uma sociedade progrida sem que os compromissos sejam cumpridos, mesmo quando a manutenção das promessas se tornou difícil. (...) O problema é que a sociedade atual respeita pouco os códigos éticos de comportamento. (...) Muitas decisões atuais, em diversos setores das nossas vidas, são tomadas sob pressão e baseadas em acordos de tipo contratual, onde a dimensão ética do relacionamento não existe.

O casamento atual é também um bom exemplo de um contrato em que o compromisso recíproco ocupa um lugar modesto. Os cônjuges negociam tudo, desde quem fica com as crianças até quem pode sair sozinho com os amigos e as decisões são assim tomadas sob pressão, sem compromissos de pelo menos média duração. Há casais que escolheram viver juntos apenas porque isso seria melhor do que viverem separados, portanto quando um deles acha preferível viver sozinho, depressa acaba com a relação. (...) Desapareceu a ideia de bem comum, (...).

A verdade é que só haverá mudança em todos os setores quando o dar for mais importante do que o receber, quando todos nos convenceremos de que existe vida para além da vitória e do prazer imediatos.¹⁶

¹⁵ Cf. III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*, op. cit.

¹⁶ Daniel SAMPAIO, *Da Família, da Escola, e Umás Quantas Coisas Mais*, op. cit., 146.

Neste seguimento, não podemos deixar de referir que a Igreja é chamada a atender, com materna bondade, àquelas situações matrimoniais onde a esperança facilmente sucumbe. Em particular,

Diante de inúmeras famílias desfeitas, a Igreja sente-se chamada, não a exprimir um juízo severo e insensível, mas antes a fazer penetrar dentro de tantos dramas humanos a luz da palavra de Deus, acompanhada pelo testemunho da sua misericórdia. É com este espírito que a pastoral familiar procura ocupar-se também das situações dos crentes que se divorciaram e voltaram a casar pelo civil. Eles não estão excluídos da comunidade; pelo contrário, são convidados a participar na sua vida, (...) a Igreja pretende mostrar-lhes toda a sua solidariedade materna.¹⁷

Podemos concluir, afirmando que os desafios e as responsabilidades da família cristã, neste momento de mudança cultural, são crescentes.

Na homilia da Missa celebrada no passado dia 6 de abril, de 2014, no Recinto de Oração do Santuário de Fátima, D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, lançava o seguinte repto aos políticos portugueses: “Creio que posso interpretar os vossos sentimentos de que a família é um bem para a sociedade. Então, daqui, em nome de todos, pedimos aos nossos governantes uma política amiga da família, através de medidas sociais, fiscais e legislativas que promovam e apoiem o bem-estar das nossas famílias em todas as dimensões”. Continuando, D. António Marto, enunciou aquelas que a seu ver são as principais áreas em que o apoio às famílias deve ser concretizado: “a casa, a saúde, a educação e o crescimento da natalidade, para que os jovens não tenham medo de constituir família”.

Concluimos este ponto recorrendo à seguinte afirmação:

A esperança, de que não obstante todas as transformações e sobretudo através delas, a família se conserve e se renove como algo indestrutível ao serviço da vida, da pessoa, da sociedade, como lugar privilegiado de experiência de Deus e de construção da Igreja.¹⁸

¹⁷JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, op. cit., n.93.

¹⁸ Augusto SILVA, “Permanência e mudança da família na sociedade de hoje”, in *Communio*, 1986, 483.

Sabendo também, desde já, que a família é uma autêntica e equilibrada escola de humanização capaz de formar integralmente o ser humano em todas as dimensões, pessoal, social e cristã. Versaremos, de seguida, estas duas realidades, família e educação.

2. Família e educação

A educação exige um quadro de valores abrangentes e de critérios éticos radicados na dignidade da pessoa humana, os quais são a chave para o desenvolvimento do sentido crítico perante a vida e o mundo, contribuem para a qualidade das relações interpessoais e comunitárias, e estruturam personalidades responsáveis e comprometidas na construção de uma sociedade livre, justa e fraterna.

“O dever de educar mergulha as raízes na vocação primordial dos cônjuges à participação na obra criadora de Deus: gerando no amor e por amor uma nova pessoa, que traz em si a vocação ao crescimento e ao desenvolvimento, os pais assumem por isso mesmo o dever de a ajudar eficazmente a viver uma vida plenamente humana.” FC, 36.

Se a família for estável e séria, as crianças encontrarão aí um ambiente favorável para crescer, aprender e integrar valores, viver e partilhar o amor, abrir as portas a uma vida de cidadania responsável. Mas, como também já foi referido anteriormente, a vida pessoal, as dificuldades emergentes e o ambiente envolvente não facilitam, antes dificultam, a missão e a tarefa educativa das famílias.

Quando o homem chega a este mundo, é a família que o acolhe e é nela que ele aprende a dar os primeiros passos; é na família que ele encontra essa primeira teia de relações que o vão ajudar a desenvolver todas as suas potencialidades pessoais e sociais; é na família que ele toma consciência da sua dignidade e que aprende os valores; é na família que ele se descobre como ser chamado à comunhão e ao amor; é da família que ele parte ao encontro da cidade e é à família que ele regressa em busca da força da comunidade. A família tem, portanto, um papel único e insubstituível na vida e na realização do homem.¹⁹

A educação na família tem uma especial importância quando os pais sabem aproveitar os acontecimentos e as ocasiões do dia-a-dia para comunicar

¹⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral *A Família, esperança da Igreja e do mundo*, SNEC, Lisboa, 2004, n.1.

valores e dar critérios que ajudam os filhos a desenvolver a personalidade e a adquirir hábitos com motivações válidas e duradoiras. Aos pais nunca será pedida uma educação sistemática como a das escolas, mas não se podem dispensar de uma educação, temperada de amor, de carinho, de respeito e de responsabilidade. “Quem dá o pão, dá a educação”, já diz o povo com a sua sabedoria. (...) A família, além das dificuldades próprias tem hoje fortes concorrentes à sua tarefa educativa. Vão da internet e da televisão à rua, dos amigos dos filhos ao grupo em que eles se movem, da comparação com os outros às investidas da publicidade.²⁰

A família é "um dos lugares-chave em que se vive e se educa no amor e na caridade".²¹ A casa dos pais deve ser a primeira escola para os filhos. Ultimamente, a casa dos avós, tornou-se uma solução e uma boa escola de recurso para os netos.

Educar é também procurar soluções conjuntas para os problemas, através da análise das alternativas possíveis: o papel dos pais é sempre amar e pensar, antes de agir de forma impulsiva. E o mais importante é conseguir que os filhos, a cada dia que passa, estejam mais autónomos e capazes de decidir com liberdade e responsabilidade. E só deve castigar quem, num outro momento, também soube premiar.²²

Como Igreja doméstica, a família é chamada a anunciar, celebrar e servir o Evangelho da vida. Esta sua missão é levada a cabo, principalmente através da educação dos filhos. Pela palavra e pelo exemplo, no relacionamento mútuo e nas opções quotidianas, e mediante gestos e sinais concretos, os pais iniciam os seus filhos na liberdade autêntica, que se realiza no dom sincero de si, e cultivam neles o respeito do outro, o sentido da justiça, o acolhimento cordial, o diálogo, o serviço generoso, a solidariedade e os demais valores que ajudam a viver a existência como um dom. A obra educadora dos pais cristãos deve constituir um serviço à fé dos filhos e prestar uma ajuda para eles cumprirem a vocação recebida de Deus. Faz parte da missão educadora dos pais ensinar e (...) desenvolver atitudes de solidariedade, assistência e partilha com doentes e idosos no âmbito familiar.²³

²⁰ D. António MARCELINO, *A Vida também se lê*, op. cit., 135.

²¹ BENTO XVI, *Audiência aos participantes da XX Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Família*, 2/12/2011.

²² Daniel SAMPAIO, *Da família, da escola, e umas quantas coisas mais*, op. cit., 24.

²³ JOÃO PAULO II Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, (25 de março de 1995), in ASS 87, n.92.

Todos os membros da família, cada um, segundo o dom que lhe é próprio, possuem a graça e a responsabilidade de construir, dia após dia, a comunhão de pessoas, fazendo da família uma “escola de humanismo mais completo e mais rico” (GS, 52): é o que vemos surgir com o cuidado e o amor para com os mais pequenos, os doentes e os anciãos; com o serviço recíproco de todos os dias; com a co-participação nos bens, nas alegrias e nos sofrimentos.²⁴

A família deve ser um lugar de compreensão e reconhecimento, constitui um bem fundamental para o homem e para a sociedade, é lugar de humanização e socialização. Não sendo tudo, a família é um parceiro com que se deve contar, e que não pode deixar de ser um elemento ativo na defesa e renovação da sociedade.

Como recordou o Concílio Vaticano II:

Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprida. Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade.²⁵

O direito e dever de educar por parte dos pais é essencial, *insubstituível* e *inalienável* e portanto, não delegável totalmente a outros. “Educar é ainda um ato difícilimo, inacabado, e sempre imperfeito.”²⁶ “É a partir das interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido da autoridade, a forma de negociar e de lidar com o conflito no contexto de uma relação vertical. É ainda no contexto desta interação que se desenvolve o sentido de filiação e de pertença familiar.”²⁷

A nova conjuntura exige que se aposte numa sábia interação família- escola, capaz de encontrar caminhos e ferramentas para enfrentar mudanças imprevisíveis e encontrar novas

²⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, op. cit., n. 21.

²⁵ PAULO VI, Declaração *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965), in AAS 58 (1966), 728-739, n.3.

²⁶ Maria Rosário CARNEIRO, “Um filho é um sítio único, é uma possibilidade única. É uma aventura, é uma dádiva”, in *Boletim Salesiano* nº543, 2014, 15.

²⁷ Júlio Emílio Pereira de SOUSA, “As famílias como projetos de vida: o desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade”, in *Saber e Educar* nº11, 2006, 42.

oportunidades. “O dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade.”²⁸

Escola e família constituem uma parceria imprescindível e ao mesmo tempo insubstituível. O envolvimento dos encarregados de educação nas atividades escolares é de extrema relevância.

Para o êxito na tarefa educativa, é indispensável o contributo de cada um dos intervenientes na vida da escola. Primeiro, a família, pelo seu cuidado e exigência com os educandos, pela comunicação habitual com a escola e pela participação na vida da comunidade educativa. Depois, os professores e outros funcionários, chamados a colocar ao serviço do desenvolvimento dos alunos, os seus saberes e os seus serviços que passam pela sua competência profissional e pela relação pedagógica envolvente.

Família e escola não podem ser realidades em tensão permanente a acusarem-se mutuamente e a defenderem-se como indiferentes ou mesmo inimigas. Custe o que custar, têm de comunicar entre si, fazer rede, ir além dos preconceitos e das desconfianças. A escola, por meios adequados pode educar a família, e a família pode, ao mesmo tempo, ajudar a escola a ser melhor escola. Quem está em causa são os filhos, preocupação primeira e permanente, dos pais e dos alunos razão de ser dos professores e da escola.²⁹

A família e a escola têm, deste modo, um projeto comum a cumprir, ainda que com papéis e funções diferenciadas. Sem a concretização desse projeto não haverá provavelmente nem vida familiar, nem vida escolar de qualidade e a crescente eficácia desse projeto dependerá da forma como enfrentamos e encaramos as dificuldades como oportunidades especiais de desenvolvimento.

Na sua carta aos cidadãos de Roma de 2008³⁰, o Santo Padre lembrou que “a relação educativa é, antes de tudo o encontro entre duas liberdades e a educação com sucesso é formação para o reto uso da liberdade”. E conclui: “a alma da educação, como de toda a vida, só pode ser uma esperança certa”.

O desenvolvimento da instituição escolar é um dos traços mais importantes da evolução social da segunda metade do século XX. Fomos assistindo, ao longo do tempo, ao

²⁸ PAULO VI, Declaração *Gravissimum Educationis*, op. cit., n.3.

²⁹ D. António MARCELINO, *A Vida também se lê*, op. cit., 135.

³⁰ BENTO XVI, Carta à Diocese e à Cidade de Roma sobre a Tarefa Urgente da Formação das Novas Gerações, 21 de Janeiro de 2008. Texto disponível online em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2008/documents/hf_benxvi_let_20080121_educazione_po.html, consultado a 05/02/2014.

prolongamento da escolaridade obrigatória. Os jovens deixaram de aprender um ofício junto dos pais e passaram a usufruir de uma escolarização das suas aprendizagens profissionais. Regista-se, assim, uma certa transferência das aprendizagens, a aprendizagem que outrora se fazia no seio da família passa a ser feita dentro do período da escolaridade obrigatória.

A transferência da função educativa da família para a escola implica, por parte da família, o reconhecimento das relações extrafamiliares. Assim, a família perde progressivamente algumas das suas anteriores funções. A socialização das crianças reduziu largamente a esfera doméstica.

Assistiu-se, portanto, a uma autêntica democratização do ensino, na verdade a escola está agora mais ao alcance de todos. Ainda assim há muito insucesso escolar, muita abstenção às aulas, e alguns pais continuam a ter dificuldade em entender a importância da escola para o futuro dos seus filhos. Por isso, será necessário continuar a investir na educação, nenhuma sociedade tem futuro sem uma escola séria e de qualidade. A este propósito passo a fazer referência a uma experiência que aconteceu na Alemanha no anterior mandato de Angela Merkel. Quando se depararam com alguma perda de valores éticos e morais foi proposta a constituição de uma “Aliança para a Educação”, com participação da Igreja Católica e da Igreja Evangélica, dado que estas são as grandes confissões religiosas do país. A então ministra da família Úrsula Von der Leyen afirmava: “As Igrejas e suas associações, são grandes aliados no esforço comum por estabelecer em todo o país uma forte rede em ordem ao cuidado e à formação dos alunos, que se entrelaça de maneira muito particular com os direitos sociais e morais”. Acrescentava ainda, “valores como o respeito, fiabilidade, confiança e sinceridade são uma valia protetora que ajuda os nossos filhos a caminhar pelas sendas da sua vida”.

Não existirá educação integral se a dimensão religiosa, que é constitutiva da pessoa humana, não for tomada em consideração. O mesmo é dizer que a educação para além da família e da escola também passa pela Igreja. Sendo instituições distintas procuram atingir objetivos que se complementam.

Também neste sentido iremos fazer, no próximo ponto, uma breve contextualização teórica da família à luz do Magistério da Igreja.

3. Contributos do Magistério da Igreja para a clarificação de um conceito da família à luz da fé cristã - desafios e missão

Pede-se à Igreja que anuncie com renovado vigor aquilo que diz o Evangelho sobre o matrimónio e a família, para individuar o seu significado e valor no desígnio salvífico de Deus. É preciso, de modo particular, reiterar que ambas as instituições são realidades que derivam da vontade de Deus. Impõe-se redescobrir a verdade da família, enquanto íntima comunhão de vida e de amor, aberta à geração de novas pessoas; e também a sua dignidade de “Igreja doméstica”³¹ (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1655); e a sua participação na missão da Igreja e na vida da sociedade.³²

Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, “*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica”³³. É no seio da família que os pais são, “pela palavra e pelo exemplo [...], os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada”^{34,35}.

Para a Igreja, a família, tal como ela a entende à luz do ato criador de Deus, não é, na sua natureza, uma instituição propriedade dos Estados ou dos poderes políticos.

A Igreja acredita na família e nos seus valores, sem fechar os olhos aos problemas e às dificuldades, sem passar ao lado das crises. Sempre a defenderá, afirmando, convictamente, que só nela há energias inatas que lhe permitem, como a nenhuma outra instituição da sociedade, vencer as batalhas que enfrenta e recuperar, pela positiva, os estragos das derrotas, que também fazem parte da sua história.³⁶

³¹ Expressão usada por Santo Agostinho e retomada no Concílio Vaticano II, no Sínodo dos Bispos em 1980 e na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, de João Paulo II.

³² JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, op. cit., n.90.

³³ PAULO VI, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 11, AAS 57 (1965) 16; cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 21, AAS 74 (1982) 105.

³⁴ PAULO VI, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, op. cit., n.16.

³⁵ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2ª ed. Gráfica de Coimbra, 2000, n. 1656.

³⁶ D. António MARCELINO, *A Vida também se lê*, op. cit., 163.

O homem e a mulher que se amam são o berço que Deus escolheu para ali depositar o seu amor, a fim de que cada filho e cada filha que vem ao mundo possam conhecê-Lo, recebê-Lo e vivê-Lo, de geração em geração, prestando-Lhe louvor.

Na família, “o homem e a mulher, pela aliança conjugal, já não são dois, mas uma só carne” (Mt19, 6). A aliança que ambos, na sua diferença e complementaridade, são chamados a viver é em tudo semelhante à aliança que Deus estabeleceu com o seu povo.

Na vida em família, os relacionamentos interpessoais encontram o fundamento e recebem o alimento do mistério do amor. O matrimônio cristão constitui a nascente que alimenta e vivifica as relações entre todos os membros da família. Não é por acaso que, em várias expressões da *Familiaris Consortio* e da *Evangelium Vitae*, para explicar o segredo da vida doméstica, aparecem repetidas vezes os termos “comunhão” e “dom”.

A relação da família com a Igreja está bem patente, desde logo, pela elevação do matrimônio à ordem sacramental por Cristo na Igreja.

Importa ressaltar alguns documentos elaborados durante o Pontificado de João Paulo II, a saber: o Sínodo dos Bispos sobre “as tarefas da família no mundo contemporâneo”, que decorreu entre 26 de setembro e 25 de outubro de 1980; a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, de 22 de novembro de 1981; o II Congresso Internacional de Bispos e outros responsáveis pelas vocações eclesiais que elaboraram o documento conclusivo pastoral vocacional, de 16 de maio de 1981; a Carta *Mulieris dignitatem*, de 15 de agosto de 1988; a “Carta às famílias”, de 2 de fevereiro de 1994, por ocasião do ano da família; a “Carta do Papa às crianças”, no ano da família, de 13 de dezembro de 1994; a “Carta às mulheres”, de 29 de junho de 1995; a “Carta aos Anciãos”, de 1 de outubro de 1999; a Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé, *Donum Vitae*, de 22 de fevereiro de 1987; A Encíclica *Evangelium Vitae*, de 25 de março de 1995. Em todos estes documentos estão presentes os pressupostos do Concílio Vaticano II.

Os ensinamentos do Vaticano II constituíram uma fonte doutrinária do magistério do Papa João Paulo II³⁷, particularmente, no que diz respeito às questões relacionadas com a família. A sua reflexão filosófico-teológica assevera-se para a Igreja um enorme contributo na elaboração de vários documentos relacionados com a família e a defesa da vida.

Assim, de seguida, irei destacar três documentos de diferentes períodos que me parecem fundamentais. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Vaticano II, a *Familiaris Consortio*, por tratar especificamente o tema e a Carta às Famílias de João Paulo II, realizada no contexto do ano internacional da família.

³⁷ João Paulo II, juntamente com João XXIII, foi proclamado santo, no dia 27 de abril de 2014.

3.1. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes - A promoção da dignidade do matrimónio e da família*

O Concílio Vaticano II elabora um amplo ensinamento sobre a família, motivado pela realidade histórica do pós-guerra. A Constituição dogmática *Gaudium et Spes*, sobre modo de conceber a presença e a atividade da Igreja no mundo, tem diante de si a realidade histórica do ser humano: “o mundo dos homens, ou seja, a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive”³⁸. Esta Constituição Conciliar, situa o matrimónio e a família, como um dos problemas mais prementes de então. Neste contexto considera a promoção da dignidade do matrimónio e da família como algo indispensável para a promoção da civilização do amor.

Ao abordar a questão da família, a Constituição, cujos ensinamentos continuam muito pertinentes, refere:

No seio da família, originam-se tensões, quer devido à pressão das condições demográficas, económicas e sociais, quer pelas dificuldades que surgem entre as diferentes gerações, quer pelo novo tipo de relações sociais entre os homens e as mulheres.³⁹

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, depois de ter feito referência para os diversos modos de profanar o amor conjugal⁴⁰, apresenta uma visão muito positiva da instituição familiar. A família é uma “Comunidade íntima de vida e de amor fundada pelo Criador que fica instituída por meio de um contrato matrimonial com o irrevogável consentimento pessoal”⁴¹ e visa diversos fins, entre os quais estão alguns de máxima importância:

Quer para a propagação do género humano, quer para o proveito pessoal e sorte eterna de cada um dos membros da família, quer mesmo, finalmente para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade de toda a família humana.⁴²

³⁸ PAULO VI, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, op. cit., n. 2.

³⁹ Ibidem, n. 8.

⁴⁰ Cf. Ibidem, n. 47.

⁴¹ Ibidem, n.48.

⁴² Ibidem, n.48.

O fruto do amor conjugal fecundo manifesta-se especialmente nos filhos: “Os esposos sabem que no dever de transmitir e educar a vida humana... eles são os cooperadores do amor de Deus criador e como que os Seus intérpretes”⁴³.

A família constitui o lugar e o meio mais eficaz de humanização, na família “congregam-se diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências de vida social”⁴⁴.

Por fim fica o apelo para que os cristãos, distinguindo o que eterno daquilo que é mutável promovam o bem do matrimônio e da família, a partir do testemunho das suas próprias vidas.

3.2. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*

O principal objetivo deste documento papal foi o de refletir acerca da identidade da família cristã e da sua tarefa no mundo atual em constante mutação.

A exortação *Familiaris Consortio*, carta magna do matrimônio, publicada pelo Papa São João Paulo II a 22 de novembro de 1981 na sequência do Sínodo Episcopal sobre a família vem na linha do Vaticano II e reforça a visão cristã da vida familiar.

Este documento está sistematizado e estruturado essencialmente em introdução, seguida de um desenvolvimento de quatro partes e, por fim, a conclusão.

A Introdução apresenta o objeto, as problemáticas, os objetivos e as argumentações que justificam a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* na atualidade histórica da pessoa humana, da família, da Igreja e da sociedade.

As três primeiras partes do núcleo sistemático constituem a fundamentação teórica da Exortação, um conjunto teológico, bíblico e doutrinário harmonioso. A quarta parte propõe à Igreja uma ação pastoral em favor da família e em defesa da vida, assumida de modo prático, ordenado, aberto, concreto e estruturada, denominada de Pastoral Familiar.

A proposta fundamental da Exortação encontra-se na conclusão onde o Papa convida as famílias cristãs de hoje, “muitas vezes tentadas por incomodidades e angustiadas por crescentes dificuldades”⁴⁵, a seguir a Cristo. Essa proposta desperta a família para a sua

⁴³ Ibidem, n.50.

⁴⁴ Ibidem, 52.

⁴⁵ JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, op.cit., Conclusão.

vocação e missão no mundo de hoje à luz do mistério de Deus plenamente realizado na pessoa de Jesus Cristo de Nazaré.

A primeira parte, cujo título é “Luzes e Sombras da Família de Hoje”⁴⁶, caracteriza a “forma com que as famílias se encontram envolvidas, nas presentes condições do mundo”⁴⁷, descreve o estado das famílias e analisa as causas e linhas evolutivas dos diferentes problemas que ela apresenta, a fim de criar possibilidades para a evangelização.

A segunda parte apresenta “o desígnio de Deus sobre o Matrimónio e a família”⁴⁸. Nela encontra-se inscrita a fundamentação teológica e dogmática da Exortação. O ser humano é criatura de Deus. A grande vocação humana é a vocação ao amor, porque Deus é amor:

Deus é amor, vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano⁴⁹.

A determinada altura João Paulo II ao descrever como se realiza o amor no matrimónio afirma:

A comunhão de amor entre Deus e os homens (...) encontra expressão significativa na aliança nupcial, realizada entre o homem e a mulher (...). O vínculo do amor (entre marido e esposa) torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o Seu Povo (...), o amor sempre fiel de Deus é apresentado como modelo das relações do amor fiel que deve existir entre os esposos.⁵⁰

Mais uma vez é feita referência à aliança, como expressão bíblica carregada de significado de comunhão e fidelidade.

A terceira parte é dedicada à identidade da família. Dá resposta à questão quem é a família cristã e quais os seus deveres? A característica principal da família é ser “Comunidade”. Aqui reside a novidade da Exortação Apostólica. A partir do Concílio, a nova visão familiar é a de família aberta.

⁴⁶Ibidem, n. 4.

⁴⁷Ibidem, n. 4.

⁴⁸Ibidem, n.11.

⁴⁹Ibidem, n.11.

⁵⁰Ibidem, n.12.

No plano de Deus Criador e Redentor a família descobre não só a sua “identidade”, o que “é”, mas também a sua “missão”, o que ela pode e deve “fazer”. As tarefas, que a família é chamada por Deus a desenvolver na história, brotam do seu próprio ser e representam o seu desenvolvimento dinâmico e existencial. Cada família descobre e encontra em si mesma o apelo inextinguível, que ao mesmo tempo define a sua dignidade e a sua responsabilidade: família, “torna-te aquilo que és”!⁵¹

Os deveres da família passam pela formação de uma comunidade de pessoas com direitos e deveres, o serviço à vida, transmitir e defender a vida, a educação, pois, educar é direito-dever dos pais e não é transferível nem para o estado, nem para a Igreja. “A família é, portanto, a primeira escola de virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade”⁵².

A família possui vínculos vitais com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço à vida: pois é da família que saem os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade.⁵³

Todos os membros da família, cada um segundo o dom que lhe é peculiar, possuem a graça e a responsabilidade de construir, dia após dia, a comunhão de pessoas, fazendo da família uma “escola de humanismo mais completo e mais rico”⁵⁴: é o que vemos surgir com o cuidado e o amor para com os mais pequenos, os doentes e os anciãos; com o serviço recíproco de todos os dias; com a coparticipação nos bens, nas alegrias e nos sofrimentos.⁵⁵

A promoção de uma autêntica e madura comunhão de pessoas na família torna-se a primeira e insubstituível escola de solidariedade, exemplo e estímulo para as mais amplas relações comunitárias na mira do respeito, da justiça, do diálogo, do amor.⁵⁶

⁵¹Ibidem, n. 17.

⁵²Ibidem, n. 36.

⁵³Ibidem, n. 42.

⁵⁴PAULO VI, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, op. cit., n.52.

⁵⁵JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, op. cit, n. 21.

⁵⁶Ibidem, n. 43

No seguimento João Paulo II faz referência ao amor de Deus expresso na criação e da renovação do homem para o amor e escreve:

Assim diante de uma sociedade que se arrisca a ser cada vez mais despersonalizada e massificada, e, portanto, desumana e desumanizante, com as resultantes negativas de tantas formas de “evasão” - como, por exemplo, o alcoolismo, a droga e o próprio terrorismo - a família possui e irradia ainda hoje energias formidáveis capazes de arrancar o homem do anonimato, de o manter consciente da sua dignidade pessoal, de o enriquecer de profunda humanidade e de o inserir ativamente com a sua unicidade e irrepetibilidade no tecido da sociedade.⁵⁷

Neste sentido, o Papa João Paulo II ousou afirmar que “o futuro da humanidade passa pela família”⁵⁸, já que:

A íntima conexão entre a família e a sociedade, assim como exige a abertura e a participação da família na sociedade e no seu desenvolvimento, impõe também à sociedade que não abandone o seu dever fundamental de respeitar e promover a família.⁵⁹

Na quarta e última parte da *Familiaris Consortio* é apresentado um vasto e amplo programa de ação da pastoral familiar, que vai preparando, paulatinamente, o ser humano para o matrimónio e a respetiva vida familiar.

Neste contexto, e relativamente à pastoral familiar, nos casos difíceis, São João Paulo II lança um apelo:

Exorto os pastores e a inteira comunidade dos fiéis a ajudar os divorciados, procurando, com caridade solícita, que eles não se considerem separados da Igreja, devendo, enquanto batizados, participar da sua vida. Reze por eles a Igreja, encoraje-os, mostre-se mãe misericordiosa e sustente-os na fé e na esperança.⁶⁰

O Papa lembra, ainda, que:

Há diferença entre aqueles que se esforçam para salvar o primeiro casamento e foram injustamente abandonados. (...) Há ainda aqueles que contraíram uma

⁵⁷Ibidem, n.43.

⁵⁸ Ibidem, n.85.

⁵⁹ Ibidem, n.45.

⁶⁰ Ibidem, n.84.

segunda união, em vista da educação dos filhos, e às vezes, estão subjetivamente certos em consciência de que o precedente matrimônio, irreparavelmente destruído, nunca tenha sido válido.⁶¹

A este propósito, Bento XVI na Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*.⁶²

Nos casos em que surjam legitimamente dúvidas sobre a validade do Matrimônio sacramental contraído, deve fazer-se tudo o que for necessário para verificar o fundamento das mesmas. Há que assegurar, pois, no pleno respeito do direito canônico, a presença no território dos tribunais eclesiais, o seu caráter pastoral, a sua atividade correta e pressurosa; é necessário haver, em cada diocese, um número suficiente de pessoas preparadas para o solícito funcionamento dos tribunais eclesiais. (...) Enfim, caso não seja reconhecida a nulidade do vínculo matrimonial e se verifiquem condições objetivas que tornam realmente irreversível a convivência, a Igreja encoraja estes fiéis a esforçarem-se por viver a sua relação segundo as exigências da lei de Deus, como amigos, como irmão e irmã; deste modo poderão novamente abeirar-se da mesa eucarística, com os cuidados previstos por uma comprovada prática eclesial.

Por fim, já na conclusão, o Papa chama todos os cristãos ao anúncio da “Boa Nova acerca da família” e ao reconhecimento de que “o futuro da humanidade passa pela família!”⁶³. Apela para que amem a família e se dediquem a salvar e a promover os seus valores e exigências, à luz da Família de Nazaré.

⁶¹ Ibidem, n.84.

⁶² BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (22 de fevereiro de 2007), in AAS 99 (2007), n. 3, 105-180, n.29.

⁶³ Ibidem, Conclusão.

3.3. Carta de João Paulo II às Famílias

Esta Carta às Famílias quer ser sobretudo uma súplica dirigida a Cristo, para que permaneça em cada família humana; uma súplica feita a Ele, através da família restrita dos pais e filhos, para que habite na grande família das nações, a fim de que todos, juntos com Ele, possamos dizer com verdade: “Pai-nosso!” É preciso que a oração se torne o elemento predominante do Ano da Família na Igreja: oração da família, oração pela família, oração com a família.⁶⁴

O Papa João Paulo II, na sua carta às famílias a 2 de fevereiro de 1994, no contexto do ano internacional da família⁶⁵, começou por se dirigir a toda a pessoa, única e irrepetível, mas fazendo parte de uma realidade, da qual não se pode dissociar que é a família. É ela que através dos seus caminhos diários de entre angústias, alegrias, tristezas e esperanças constrói e ajuda a dar vida à Igreja.

“A família permanece, (...) como aquela comunidade fundamental onde se radica toda a rede das suas relações sociais, desde as mais imediatas e próximas até às mais distantes.”⁶⁶

Também Jesus Cristo entrou na história dos homens e das mulheres através de uma família. Nascido da Virgem Maria, Jesus Cristo tornou-se um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. E assim como todas as mães o desejam, assim também Maria via o seu Filho, Jesus Cristo crescer “em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.” (Lc 2, 52). Podemos constatar que o mistério da encarnação está intimamente relacionado com a família humana e concretamente com cada família em particular. O Verbo de Deus tornou-se carne em Jesus Cristo e se fez-se um de nós, veio “para servir” (Mt 20, 28) e servir também as famílias. Será oportuno recordar aqui novamente a origem da palavra família que deriva do latim *famulus* e que significa aquele que serve.

Se recuarmos um pouco na história e abirmos o livro do Génesis, no contexto da criação deparamo-nos com expressões tais como: “*Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança*” (Gn 1, 26). A inspiração do “Nós” divino e trinitário (Pai, Filho e Espírito

⁶⁴ JOÃO PAULO II, Carta às famílias, op. cit., n. 4.

⁶⁵ A iniciativa da Organização das Nações Unidas em promover o ano de 1994 como o Ano Internacional da família, aliás como não poderia deixar de ser, foi muito apreciada e elogiada pela Igreja a qual se associou desde o primeiro momento. Foi com a festa da Sagrada família em 1993 que teve início em toda a Comunidade eclesial o “Ano da Família”, esta foi uma das etapas mais significativas no itinerário de preparação para o Grande Jubileu do ano 2000, que assinalou o fim do segundo e o início do terceiro Milénio do Jubileu do nascimento de Jesus Cristo.

⁶⁶ JOÃO PAULO II, Carta às famílias, op. cit., n. 2.

Santo) como que passa para a realidade da criação do “nós”, homem e mulher “*Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher*” (Gn 1, 27).

A família reencontra-se no nós, quando o eu-tu da esposa e do marido são um para o outro e para os filhos. A maternidade e a paternidade humana tem intrínseca a imagem e a semelhança de Deus, no qual se funde e funda a gênese da família, concebida como “comunidade de pessoas unidas no amor (*Communio personarum*).”⁶⁷ Sendo que um filho é um novo “tu” que se insere na órbita do nós, da família.

No livro dos Génesis é feita, ainda, referência à constituição da família afirmando que “o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne” (Gn 2, 24). In Carta do Papa João Paulo II às famílias, 7. Já no novo testamento, no Evangelho de S. Mateus, Jesus afirma: “Portanto, já não são dois, mas uma só carne. Pois bem, o que Deus uniu, não o separe o homem” (Mt 19, 6), já aqui está presente o caráter indissolúvel do matrimónio. “Assim a família, que tem início no amor do homem e da mulher, dimana radicalmente do mistério de Deus. Isto corresponde à essência mais íntima do homem e da mulher, à sua constitutiva e autêntica dignidade de pessoa.”⁶⁸

Os cônjuges, ao assumirem a sua dimensão paternal e maternal acabam por ser colaboradores de Deus Criador. Assim, a vontade dos pais deve estar em harmonia/sintonia com a vontade de Deus. “Antes que fosses formado no ventre de tua mãe, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio materno, Eu te consagrei”, jeremias (1, 5). Portanto, a genealogia da pessoa está unida primariamente com a eternidade de Deus e, só depois, com a paternidade e a maternidade humana, que se realizam no tempo. A maternidade e a paternidade representam em conjunto a dimensão física e espiritual e é através delas que passa realmente a genealogia da pessoa que tem o seu princípio em Deus e a Ele deve conduzir.

Parece-me de todo pertinente, não concluir este ponto, sem antes fazer referência, mais uma vez, ao Sínodo dos Bispos, convocado pelo Papa Francisco para 2014 e 2015 e que versará sobre a temática: “Família e Evangelização”. O Santo Padre decidiu estabelecer para o Sínodo dos Bispos um trabalho faseado em duas etapas: a primeira, a Assembleia Geral Extraordinária⁶⁹, que se realizará de 5 a 19 de outubro de 2014, destinada a especificar o “status quaestionis” e a recolher testemunhos e propostas dos Bispos e a segunda, “a

⁶⁷ JOÃO PAULO II, Carta às famílias, op. cit., n. 6.

⁶⁸ JOÃO PAULO II, Carta às famílias, op. cit., n. 8.

⁶⁹ Desde 1985 que não se realizava uma Assembleia Geral “Extraordinária”.

Assembleia Geral Ordinária de 2015, em ordem a procurar linhas de ação para a pastoral da pessoa humana e da família”⁷⁰.

3.4. Síntese

Olhando para família à luz do Magistério da Igreja, facilmente percebemos que a dimensão social, cultural ou jurídica não esgotam a realidade da instituição familiar. Pois as raízes estão em Deus que no seu mistério mais íntimo, não é uma solidão, mas sim uma Família, pois comporta em si mesmo a paternidade, a filiação e a essência da família, que é o amor.

O Magistério da Igreja apresenta-nos uma família que constitui a “célula” fundamental da sociedade, mas que tem necessidade de Cristo, a videira, a partir da qual se pode extrair a linfa. “Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (João 15, 5).

Depois do exposto, concluímos então que é necessário distinguir o transitório, das concretizações e expressões históricas e sociais, do permanente, do projeto de Deus que ultrapassa o tempo. A família, ao longo da história da salvação apresenta-se, assim, como um meio privilegiado para a realização do plano salvador de Deus, acessível a todos os homens. “Crescei e multiplicai-vos” (Gn 1, 28).

⁷⁰ Cf., III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*, Documento preparatório, op. cit.

CAPITULO II - O CONTRIBUTO DA DISCIPLINA DE EMRC PARA A PROMOÇÃO DOS VALORES FAMILIARES

No presente capítulo iremos analisar a contextualização e o contributo da disciplina de EMRC nas escolas, enquanto veículo de evangelização.

“Na evolução silenciosa, as escolas compreenderão que deverão ser locais onde se aprende, mais do que territórios onde se ensina.”⁷¹

“Defendo a necessidade de nos preocuparmos com o que nos rodeia, com especial atenção para os que estão próximos, sobretudo se forem mais vulneráveis. E acredito na possibilidade de conseguirmos melhorar as famílias e as escolas se nos dedicarmos de fato à sua transformação quotidiana.” Esta expressão escrita, por Daniel Sampaio, na contracapa, do seu livro: “Da família, da escola, e umas quantas coisas mais” é uma expressão que nós, professores de EMRC, podemos adaptar e colocar em prática no nosso dia-a-dia.

Os valores e as crenças determinam a nossa maneira de viver e de encarar o mundo. Definem o modo como nos relacionamos e contribuem para o sentido da nossa existência. (...)

A investigação sobre os valores tem demonstrado como o individualismo e a excessiva crença nas virtudes do bem-estar pessoal têm conduzido a crianças menos felizes. E tem provado que as crianças com vida com vida interior satisfatória, com ligações fortes à família/amigos e interesse pelo contexto social se sentem melhor e conseguem bons resultados a diversos níveis. Por isso, a educação para os valores, numa sociedade que não estimula o altruísmo, é mais necessária do que nunca.⁷²

Perante um certo relativismo, em diferentes domínios da nossa sociedade, a disciplina de EMRC “propõe uma busca comprometida de sentido para a existência, para a cultura e para o próprio saber.”⁷³

⁷¹ Daniel Sampaio, *Da família, da escola, e umas quantas coisas mais*, op. cit., 98.

⁷² *Ibidem*, 90.

⁷³ D. António Francisco dos SANTOS, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional” in *Pastoral Catequética*, 21 /22, 2011 /2012, 16.

1. Contextualização do lugar da disciplina de EMRC na escola

A EMRC faz parte do sistema educativo português, como área curricular disciplinar e constitui um elemento de enriquecimento da escola e da sociedade em geral. Esta disciplina participa na missão educativa das escolas, que, segundo os bispos portugueses, devem "guiar-se pela promoção constante da dignidade humana, pela formação de uma interioridade criativa e solidária no coração de cada estudante"⁷⁴ Sabemos que esta mensagem se destina à globalidade dos alunos e não apenas aos de famílias católicas, na medida em que a disciplina de EMRC contribui para a educação integral dos educandos. Ou seja proporciona o desenvolvimento da personalidade, do sentido da dignidade, preparando simultaneamente os educandos para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos.

Esta é uma disciplina que proporciona recursos que facilitam a cooperação entre as pessoas, educa num registo de diálogo e abertura, tendo em conta um registo confessional e, por isso, situado.

D. António Policarpo referia ainda que:

Para a dignificação do estatuto da EMRC muito contam também os docentes, quer pelo seu bom desempenho no trabalho quotidiano, quer pelo estatuto pessoal e profissional de que gozam. Aliás, parece ser cada vez mais consensual que um bom desempenho requer uma adequada formação e qualificação profissional.⁷⁵

1.1. A missão e o testemunho do professor de EMRC na escola

Estamos aqui porque naquilo que somos e fazemos, sentimos que no *ser professor* não está apenas o nosso saber, nem o nosso agir, nem apenas o nosso acreditar. Está todo o nosso "ser", que não se fragmenta nem divide.⁷⁶

⁷⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral, A Escola em Portugal - Educação integral da Pessoa Humana, 2008. Texto disponível online em <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=66275>, consultado em 25/03/2014.

⁷⁵ D. José POLICARPO, Conferência "Cultura, Escola e Religião" proferida, durante o Fórum EMRC 2014. Texto disponível online em <http://www.sder.pt/>, consultado em 17/03/2014.

⁷⁶ D. António Francisco dos SANTOS, "O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional" in *Pastoral Catequética*, op.cit., 18.

O ser professor/a é, antes de mais a arte de ensinar, é uma arte que o/a professor/a qual humilde artesão vai pacientemente construindo. O/a professor/a de EMRC é chamado/a a interpretar e a analisar estes novos tempos à luz do evangelho e convidado a aprofundar e a reciclar os seus conhecimentos. Neste sentido, também esta oportunidade que nos foi dada pela Faculdade de Teologia de Braga acaba por significar um forte contributo na formação de cada um de nós.

Elencar uma série de características relativas ao perfil humano e profissional do professor de EMRC pode constituir um grande desafio. Assim também, o próprio Ministério da Educação vem reconhecendo, na última década, a pertinência de esboçar o perfil do docente, o qual deverá trazer um acréscimo de qualidade, decorrente da sua própria missão. Efetivamente, no decreto-lei 240/2001, de 30 de agosto, são delineadas quatro dimensões, que seriam reiteradamente recuperadas, como veio a ocorrer, no despacho n.º 16034/2010. No referido decreto são apresentadas, as seguintes dimensões do perfil geral de um/a professor/a de EMRC:

- Dimensão profissional, social e ética;
- Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem;
- Dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade;
- Dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Partindo apenas destas quatro dimensões, de facto, não podemos deixar de reconhecer a pertinência destes pressupostos. “Na verdade, uma procura de definição do que seja o perfil do professor de EMRC não poderá esquecer a natureza, o fim e a condição específica do docente de EMRC, no contexto escolar.”⁷⁷

De acordo com D. António Francisco e pegando nas suas sábias palavras; aos professores de EMRC é solicitado:

- Identificação com a disciplina de EMRC, conhecimento hermenêutico do programa, capacidade de planificar conteúdos em função do essencial e dos alunos;
- Dedicção a cada aluno, identificando neles o rosto de Cristo e vivendo com eles e por eles os desafios do Reino e os valores do Evangelho;
- Inserção ativa e entusiasta na comunidade educativa e criatividade no estabelecer de pontes entre a comunidade educativa e a comunidade cristã. Isto exige uma identificação com o

⁷⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral Educação: Direito e Dever missão nobre ao serviço de todos, SNEC, Lisboa, 2005, n.3.

magistério da Igreja e implica uma maturidade cristã que se revela na vida e se afirma na escola. Às vezes, para muitos alunos e professores, o professor de EMRC é o único rosto da Igreja na escola e até na vida;

- Empenhamento na comunidade eclesial e colaboração com o Secretariado Diocesano. É essencial este duplo vínculo, à Paróquia e ao Secretariado, a que deve acrescer a capacidade de trabalhar em conjunto e de partilhar com os outros professores de EMRC de escolas mais próximas;

- Disponibilidade para ser, no quadro da escola e no ambiente dos pais, instrumento de diálogo entre a Igreja e o mundo, entre a razão e a fé;

- Atitude de serenidade, de esperança e de alegria - mesmo em tempos difíceis e em circunstâncias adversas.

O professor de EMRC é ainda convidado a compreender-se a si mesmo a partir da situação real da comunidade em que se encontra situado, na medida em que, como afirmava Terêncio (séc. II a.C.), “Sou humano, nada do que é humano me é estranho”.⁷⁸ No contexto escolar, espera-se também do professor de EMRC, a capacidade de tornar o cristianismo atuante enquanto humanização da comunidade.

Na relação pessoal com cada aluno, o professor acaba por ser alguém que transporta uma chama de esperança, um agente facilitador, que propõem um discurso marcado pela gratuidade e pela força do amor.

O professor de EMRC é alguém apaixonado pelo que de melhor o ser humano tem, porque nele se reflete o divino e quanto mais humano, mais se diviniza. Como afirma a Congregação para a Educação Católica, em documento de 15 de outubro de 1982 sobre o “Leigo Católico – testemunha da fé na escola”, “toda a escola e todo o educador devem procurar formar personalidades fortes e responsáveis, capazes de opções livres e acertadas”.

Em suma, o professor de EMRC deve sentir-se identificado com uma conceção integral do humano. Ser professor de EMRC é também ser portador de esperança, serenidade e lucidez, sobretudo em tempos conturbados, pois, sabemos que Aquele que acalma a tempestade está connosco.

⁷⁸ D. António Francisco dos SANTOS, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional” in *Pastoral Catequética*, op.cit., 19. A frase é de autoria de Publio Terêncio, dramaturgo e poeta romano, nascido entre 195-185 a.C. e falecido por volta de 159 a.C.

1.2. Escola – o reflexo de uma cultura

“A educação é a cultura, não uma cultura qualquer à medida da consideração de cada interveniente, mas a cultura de um povo, a compreensão da pessoa, da vida e da história, caldeada ao longo do tempo”. Estas foram as palavras de D. José Policarpo, proferiu no início dos trabalhos no Fórum EMRC em 2014. Ainda no início da sua intervenção D. José Policarpo lembrou a importância da escola não ser “território neutro”, porquanto tem o dever de “transmitir a cultura de uma civilização”. E quando nos referimos à nossa cultura não podemos deixar de fazer referência à influência que o cristianismo teve nela. Ao não fazer esta transmissão cultural a escola “afasta-se da matriz cultural e deixa de promover e enquadrar o autêntico progresso da pessoa e da sociedade humanas”. D José Policarpo acrescenta ainda: “Da harmonia da cultura brota a sabedoria. (...) Só na sabedoria a cultura se torna a fonte do sentido autêntico da existência humana.”

É importante que se entenda e se pense a escola como uma organização integrada num contexto mais abrangente. Durante o Fórum: “Pensar a Escola. Preparar o Futuro”, promovido pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã⁷⁹, o professor, Guy Coq,⁸⁰ agregado de filosofia da Universidade de Poitiers iniciou a sua intervenção afirmando que “os problemas da escola são os da sociedade, e os da sociedade projetam-se na escola”. Portanto a escola deve ser analisada numa perspectiva e num contexto mais amplo que é a sociedade. Guy Coq apresentou, neste Fórum, a ideia dos três espaços de educação do ser humano e que são em primeiro lugar a família, depois o segundo espaço que é a escola, uma vez que também ela prepara os jovens para o futuro e finalmente, estes jovens também inseridos em diferentes grupos os quais também constituem um espaço de educação. Por fim este filósofo lembrou, ainda que, apesar de diferentes, “cada um destes três espaços cumprirá melhor a sua tarefa se reconhecer a rica complementaridade das outras instâncias”. Para este especialista, a escola tem “na construção da cultura”, uma “função necessária mas limitada, sendo ela, através da “transmissão dos saberes”, a responsável pelos procedimentos de elaboração e reconstrução permanente da memória comum, da identidade social, através da reinterpretação do passado.

⁷⁹ Realizado a 23/01/2010. Texto disponível online em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/print.pl?id=77398>, consultado em 12/03/2014.

⁸⁰ Guy Coq é professor de filosofia e membro da redação da revista *Esprit*. Especialista em filosofia da educação, é autor de, entre outras obras, *Démocratie, religion, éducation*.

2. A EMRC: um veículo de evangelização

Pode dizer-se, com verdade, que a evangelização é uma tarefa conatural à própria Igreja. Sem evangelização, a Igreja perderia a sua razão de ser, justamente porque deixaria de ser a continuadora da missão de Jesus. Nesse sentido, usando mais este ou aquele método, privilegiando mais este ou aquele destinatário, desenvolvendo-se mais este ou aquele setor, a evangelização foi, é e será sempre uma tarefa essencial da Igreja, quiçá mesmo a sua prioridade em todos os tempos e lugares.⁸¹

Neste sentido, evangelizar hoje, aliás como sempre, consiste em dar a conhecer o projeto de vida de Jesus Cristo. Neste processo de evangelização não poderemos deixar de fazer referência à importância do testemunho. A este propósito a recente Carta Encíclica do Papa Bento XVI é bem esclarecedora: “a evangelização da Igreja passa por um infinito número de obras de amor e de caridade.”⁸² Na realidade,

Suponhamos um cristão ou um punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é bom e nobre. Assim eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, a sua esperança a sua esperança em qualquer coisa que não se vê e que não seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, os cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêm viver, perguntas indeclináveis: porque é que eles são assim? Porque é que eles vivem daquela maneira? O quê ou quem os inspira? Porque estão connosco? Um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valorosa e eficaz, da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização.⁸³

Neste sentido, também o professor de EMRC, entre outros requisitos, como já foi referido anteriormente, deverá empenhar-se na coerência do testemunho cristão e na sua fidelidade à Igreja.

⁸¹ Frei José NUNES, “Evangelização Tarefa de ontem, hoje e sempre”, in *Pastoral Catequética* nº5, 2006, 19.

⁸² BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005), in *AAS*, n.3 (2006), 217-252, n.19.

⁸³ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, (8 de dezembro de 1975), in *AAS* 78 (1966), 5-76, n.21.

O primeiro contato, por parte dos alunos, com esta disciplina, poderá fomentar e estimular o gosto pela cultura religiosa e pelos valores que ela preconiza.

Sendo a escola, antes de mais, um espaço humano de relações pessoais e institucionais, cujo principal objetivo será colaborar na construção de bons adultos e bons cidadãos. É aqui que deve entrar o professor de EMRC, atento ao eco inevitável das famílias desestruturadas, dos filhos mal-amados, etc. O professor de EMRC, para além de partilhar saber, deve partilhar vida. Um saber que ultrapassa a questão de um exame final, e que prepara para o exame da vida, que permite avaliar, não apenas a competência profissional, mas, ao mesmo tempo, a capacidade de relação com todos, a honestidade no trabalho, a abertura solidária aos outros, a participação social, a resistência às dificuldades, entre outras. Promovendo assim uma sociedade mais justa e verdadeira, mais solidária e participativa. Neste sentido, o professor de EMRC, em particular, deverá constituir perante os seus alunos, um modelo de vida. “O testemunho da vida é a forma simples e espontânea de irradiar valores e a credencial das palavras que se comunicam”⁸⁴.

O processo de socialização – aprender a conviver – é um dos objetivos da educação, devendo nós, professores de EMRC, proporcionar recursos que facilitem a cooperação entre as pessoas. Nesse sentido, esta disciplina contribui para a (re)fundação de uma educação em e para os valores.

Dada a debilidade da família e da sociedade, educar para a libertação, para a justiça e para a solidariedade, é a exigência educativa mais evidente. Se as pessoas não forem progressivamente mais livres, justas e solidárias, toda a relação pessoal é inconsistente e os conflitos normais, familiares e sociais, multiplicam-se sem solução à vista. Em cada conflito nota-se a falha destes valores, indispensáveis para que a família, qualquer família, bem como a sociedade tenham outro futuro.⁸⁵

Após concluir a reflexão relativa ao contributo da EMRC para a promoção dos valores familiares, segue-se o terceiro e último capítulo, ao longo do qual apresento o conteúdo pedagógico e didático desenvolvido para a lecionação da unidade “A Família, Comunidade de Amor”.

⁸⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Educação: Direito e dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos, Lisboa, 06/01/2002, n.14.

⁸⁵ António MARCELINO, *A Vida também se lê*, op. cit., 141.

CAPITULO III – ELABORAÇÃO DE UM DISPOSITIVO PRÁTICO E PEDAGÓGICO PARA A UNIDADE LETIVA: A FAMÍLIA, UMA COMUNIDADE DE AMOR

Desde o primeiro momento em que nos foram apresentadas as possibilidades de lecionação e planificação de uma unidade letiva que me interessei pela unidade letiva três, do programa de EMRC do 6º ano de escolaridade, “A Família, Comunidade de Amor”.

Neste sentido irei agora apresentar neste terceiro capítulo uma possível abordagem à referida unidade letiva, onde serão apresentadas as respetivas planificações.

Num primeiro ponto farei uma breve caracterização da escola e da turma. E no segundo momento farei uma apresentação da Unidade letiva em questão, destacando as razões da minha escolha. Neste ponto serão apresentadas as grelhas de planificação que serviram de base à lecionação e será feita uma avaliação do trabalho desenvolvido.

As aulas foram preparadas, no sentido de que, como referia D. José Policarpo, durante a conferência "Cultura, Escola e Religião" proferida durante o último Fórum EMRC, a disciplina de EMRC seja tomada “como um tempo de descoberta de um sentido para a vida”.

1. Caracterização da escola e da turma

O agrupamento de escolas Dr. Francisco Sanches é constituído por 7 escolas que se situam na zona urbana de Braga nas freguesias de S. Vítor e de S. Vicente integra uma escola com 2.º e 3.º ciclos, um estabelecimento com pré-escolar e cinco escolas com 1.º ciclo, das quais três possuem também educação pré-escolar.

Em 2009, atendendo às características desta malha urbana, socialmente e economicamente frágeis, esta comunidade escolar foi definida como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). A prioridade deste programa são as crianças e os jovens bem como as respetivas famílias. Neste âmbito o Projeto educativo da escola apresenta-nos e promove duas grandes linhas orientadoras: Uma Escola para a cidadania e uma Escola de Qualidade.

Neste momento, e porque a escola se encontra numa fase de requalificação, a escola ainda ocupa um edifício antigo com três pisos, degradado e com uma capacidade muito inferior às reais necessidades. Esta é uma ocupação transitória, mas que de alguma forma tem funcionado como um constrangimento ao desenvolvimento dos processos educativos.

Este é um agrupamento em que existe uma grande diversidade linguística, cultural e étnica por este motivo a escola também investe muito em projetos e atividades de

enriquecimento curricular, demonstrando deste modo um forte investimento na formação integral dos alunos e na sua motivação para a aprendizagem.

As metas que a escola propõem para 2018 são as seguintes:

- Melhores resultados escolares internos e externos;
- Abandono escolar inexistente;
- Absentismo a tender para zero, monitorizado e regulado pelos pais e encarregados de educação;
- Ofertas formativas diversificadas para os alunos, concordantes com as suas características, nomeadamente para a continuidade dos seus estudos até ao final do ensino obrigatório;
- Ofertas formativas para as famílias dos alunos de forma a poderem expandir as suas habilitações literárias e profissionais e aumentarem as suas oportunidades;
- Uma Escola Solidária e Intercultural;
- Uma Escola núcleo da divulgação cultural diversificada.

Relativamente à turma do 6º 4, esta é constituída por 21 alunos, 14 raparigas e 7 rapazes. Destes, 17 frequentam a disciplina, incluindo o único aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE), 3 alunos não estão inscritos na disciplina.

De um modo geral, os alunos são muito participativos, envolvem-se na dinâmica da turma e fazem intervenções muito pertinentes. Apenas um ou dois alunos necessitava de ser alertado para o seu comportamento com mais frequência e por esse motivo estavam sujeitos a uma atenção redobrada e a um trabalho mais individualizado. Convém ainda salientar que a turma do 6º 4, foi considerada, em termos de aproveitamento, a melhor turma da escola.

Como é apanágio da minha prática diária, também perante a turma do 6º 4 parti do pressuposto que não devemos ansiar por alunos “uniformes”. Pelo contrário cada aluno deve seguir o seu próprio caminho, sendo que nos incumbe enquanto educadores, oferecer, através do processo de aprendizagem, uma pedagogia diferenciada e adequada, estabelecendo a matriz de valores que entendemos necessária para enriquecer a sua personalidade e para facilitar o seu acesso ao bom, ao belo, ao justo, ao verdadeiro.

Os “alunos” (todas as pessoas que aprendem, desde as crianças até às pessoas de idade mais avançada) não são peças de uma qualquer máquina educacional, submetidas às regras da competição, objetos de mercado e sujeitos de consumo – são seres humanos únicos que devem

merecer o maior acolhimento e a melhor hospitalidade, no respeito pela sua singularidade e segundo dinâmicas singulares de personalização e de sociabilidade.⁸⁶

2. Apresentação da unidade letiva

Ao planificar a lecionação da unidade letiva 3: “Família, Comunidade de amor” procurei fazê-lo de uma forma criativa, destacando o papel fundamental que a família desempenha no nosso quotidiano.

Nem sempre refletimos acerca do valor que a família tem para cada um de nós, no entanto é nela que encontramos as condições propícias para a nossa realização. A família é o lugar primeiro para se viver a fraternidade. É o lugar onde se faz a primeira aprendizagem de viver com os outros.

Em todas as aulas lecionadas procurei investir na competência profissional diversificando materiais e adaptando-os à realidade da turma, assim como na relação pedagógica, procurando entre outras coisas conhecer os alunos pelo seu próprio nome.

A presente unidade foi trabalhada ao longo de 5 aulas, sendo que em todas elas existiu um momento de acolhimento, em que se fez o sumário, seguido da síntese da aula anterior. Atendendo a que a planificação é apenas um instrumento de trabalho e pode estar sujeita a alterações, deixei sempre uma observação fazendo referência que consoante a resposta da turma ao tema e o enriquecimento proporcionado pelas suas intervenções, a aula planificada poderia ficar sujeita a alterações, o que aliás aconteceu.

Passo desde já a apresentar as competências específicas que foram trabalhadas para a lecionação da UL “Família, Comunidade de amor”:

⁸⁶ Joaquim AZEVEDO, “Família, educação e escola”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, op. cit., 486.

Competências específicas para a UL 3 do 6º ano – Família, Comunidade de amor
_ Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
_ Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
_ Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.
_ Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes
_ Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas da vida quotidiana.
_ Mobilizar os valores do respeito, da cooperação, da gratidão, da solidariedade e da interajuda na construção da vida familiar.
- Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a família de Nazaré.
-Organizar um universo de valores promotores da vida familiar, relacionando-os com o seu fundamento religioso.
- Relacionar-se com os idosos com base nos princípios de cooperação e solidariedade, reconhecendo a sua dignidade e assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

Convém referir que a aquisição e desenvolvimento das competências enunciadas requer uma aprendizagem prévia de conteúdos, ou seja um conjunto de conhecimentos. A finalidade última será sempre, desenvolver os saberes e competências adquiridos nos mais diversificados contextos. Ser competente é sinónimo de ser capaz de estabelecer relações entre diferentes conhecimentos, sejam eles do mesmo ou de outro âmbito disciplinar.

Neste contexto, procurei seguir um processo de ensino-aprendizagem em que os alunos são vistos como construtores da sua aprendizagem privilegiando pedagogias ativas e promovendo a participação constante dos alunos no ato educativo.

Depois desta breve introdução iremos passar à explanação das planificações feitas para cada aula a lecionar à turma. Estas aulas decorreram durante os meses de janeiro e fevereiro, às terças-feiras, no horário das 10:10h até às 10:55h.

A primeira aula foi muito importante, na medida em que foi a partir dela que se desenrolou toda a planificação da unidade, tendo sido a última aula o culminar de todo o trabalho.

Assim, depois de fazer as apresentações iniciais começamos por visualizar um vídeo de uma campanha publicitária, que destacava a seguinte mensagem: “O maior presente é a família”. Esta frase serviu de mote para apresentar a unidade letiva e para estabelecer um pequeno diálogo com os alunos. De seguida fiz uma pequena apresentação em powerpoint fazendo referência ao conceito de família e às diferentes tipologias de família. Na segunda parte da aula entreguei fotocópias da história: “A colcha feita de bocadinhos de família”⁸⁷ de Isabel Stilwell e fizemos a leitura e interpretação orientada da mesma. Pedi aos alunos que destacassem as palavras que consideravam mais importantes e que partilhassem os motivos das suas escolhas. Entretanto procurei sempre destacar a importância dos laços familiares. Considerei esta história fabulosa, na medida em que, ela ao mesmo tempo que nos mostra o quão importante é a família, também nos passa a mensagem de que todas as famílias mediante as suas agruras e dificuldades se devem unir cada vez mais para assim se tornarem mais fortes. Esta história também me é muito querida, pessoalmente, porque me faz lembrar os remendos que tive de fazer na minha vida, e que vou continuando a fazer, a quando da morte da minha mãe estava eu grávida do meu primeiro filho. Para concluir a aula, foi dada aos alunos a tarefa de procurar em casa pequenos retalhos de tecido, os quais foram utilizados para executar uma pequena tela que foi apresentada na última aula lecionada.

Como não tivemos oportunidade de realizar o exercício um da ficha 25, do caderno de atividades, esta tarefa foi para casa.

Na segunda aula, depois de feito o acolhimento e do sumário registado, comecei por recolher os retalhos de tecido dos alunos que não se esqueceram. Tendo por objetivo principal destacar a função humanizadora da família peguei na parábola do filho pródigo, e na história a dívida para quem nos ama⁸⁸, destacando a dimensão da gratuidade em família, onde através do afeto, se educa e cresce no amor. Depois de distribuir uma fotocópia com estas duas histórias, comecei por solicitar aos alunos a participação na leitura e depois de lida a história pedi que partilhassem as suas vivências e experiências e que registassem as reflexões das suas

⁸⁷ Cf. Anexo nº1.

⁸⁸ Cf. Anexo nº2.

aprendizagens., estabelecendo um paralelismo, entre a parábola do filho pródigo e a história da dívida para quem nos ama. Como síntese final, procurei que os alunos extrapolassem as conclusões para a realidade do nosso dia-a-dia.

Na terceira aula tínhamos como objetivo principal conhecer um pouco mais sobre a família de Jesus de Nazaré. Neste sentido, também procurei diversificar as estratégias por forma a tornar a aula mais atrativa para os alunos. Comecei por desenvolver os conteúdos, utilizando uma animação que depois completei com um PowerPoint para apresentar a área geográfica onde Jesus nasceu explanando a razão pela qual Maria e José se deslocaram a Belém, terra de origem de José, onde haveria de nascer Jesus, apesar de Maria e José viverem em Nazaré. Fizemos, também, portanto, uma caracterização geográfica, social e política da então Palestina. Depois, a partir da leitura de um texto, que está no manual, do Evangelho de Lucas, Lc2, 41-51, falámos um pouco sobre a vida e o quotidiano da família de Jesus de Nazaré. De seguida, passei um pequeno excerto da alocução dominical do Papa Francisco no dia da Sagrada Família, em que destacou três palavras-chave para viver em paz e alegria em família, e que são o agradecimento, o perdão e a permissão. Estas palavras, por forma a ficarem mesmo destacadas foram registadas no quadro. Para finalizar esta aula passei uma pequena animação, vídeo, sobre a Basílica da Sagrada Família em Barcelona. Como não houve disponibilidade de tempo o crucigrama do caderno de atividades da página 27, que era para ser feito na aula, ficou como atividade para ser feita em casa.

Na quarta aula, com o objetivo de que os alunos se relacionem no contexto familiar, promovendo a vivência de valores, tais como o amor, o respeito, a solidariedade e a cooperação, comecei a aula pela apresentação do vídeo: *Dar a volta* (realizado pela associação de famílias numerosas do país Basco). Este pequeno vídeo compara uma equipa de futebol, diferentes jogadores com diferentes posições, com a equipa família, também ela formada por pessoas diferentes. Reforça a importância de uma família unida para dar a volta, para ultrapassar as dificuldades.

A propósito deste vídeo desafiei os alunos a estarem mais atentos à sua equipa/família e lancei três questões:

1. Como está a minha “equipa”/ família?
2. Que “jogador” sou eu na minha família?
3. Nas dificuldades, qual é, ou qual vai ser o meu contributo, para ajudar a minha família, a “dar a volta”, a ser mais feliz?

Pedi aos alunos que respondessem às três questões de forma anónima, para depois recolher as questões e tentar fazer uma pequena análise das respostas.

Assim, na primeira resposta foram escrevendo o seguinte: “A minha família está muito boa, porque estamos todos unidos”, “A minha equipa/família está bem. Está unida e está toda feliz. Eu adoro a minha família”, “A minha família está bem, tem trabalho, estamos muito unidos e felizes”, “A minha família está bem, mas podia estar melhor se o meu pai não se chateasse tanto”, “A minha equipa/família está bem sempre que alguém precisa de mim eu ajudo”, **“A minha família supera tudo, juntos conseguimos coisas maravilhosas”**, “Está bem, mas podia estar melhor se os meus pais estivessem juntos, ou mesmo se não namorassem fossem amigos”.

Na segunda resposta foram escrevendo: “Sou o membro da equipa/família mais perto das pessoas, mais preocupada e sou a mais especial que defende todos os membros da equipa.”, “Eu sou a defensora da minha equipa.”, **“Defendo a minha família da tristeza.”**, “Eu sou defesa e atacante, porque quando vem problemas eu defendo e ataco.” “Eu sou defesa porque gosto de defender o meu irmão, embora ele seja muito mais velho do que eu.” “Defendo sempre toda a minha família”. “Sinto que na minha família assumo a posição de defesa, porque os meus pais, às vezes chateiam-se comigo, por causa da minha irmã não dormir de noite, ou porque chora sem parar e às vezes quando eu faço uma asneira pequenina eu é que levo as culpas, por isso eu sou a defesa da minha família porque ofereço resistência.” “Eu na minha família, sou alegre, sou ativa, faço as tarefas e quando estamos tristes tento animar.”

Na terceira e última resposta, em que tinham que referir qual iria ser o seu contributo para ajudar a família escreveram algumas respostas tais como: “Apoiamo-nos uns aos outros”, “Ajudar quem precisa, compreender e proteger as pessoas de quem gosto”, **“Vou ser mais amiga do meu irmão, tentar conversar com os meus pais, para pelo menos tentarem ser amigos. Vou mudar, vou pôr sorrisos na cara de todos.”**

Algumas destas respostas foram lidas, de forma aleatória, na aula, sem identificar quem as escreveu e depois comentadas por todos nós.

Depois de uma análise mais cuidada, podemos constatar, até pelas respostas destacadas, que os alunos são muito genuínos, que revelam uma grande maturidade e que se preocupam com o bem-estar das suas famílias, ainda que por vezes não o demonstrem.

Na sequência deste trabalho foi solicitado aos alunos que redigissem um bilhete aos pais (pai/mãe), num cartão que lhes foi entregue por mim, agradecendo-lhes toda a sua dedicação. O objetivo, neste caso, seria fazer uma agradável surpresa aos pais.

A tarefa ou compromisso que os alunos levaram para casa foi a de estarem mais atentos à sua “equipa”/família.

A quinta e última aula lecionada, foi a aula assistida pela Prof. Doutora Isabel Varanda. Nesta aula, no momento de acolhimento, comecei por perguntar aos alunos como é que tinha corrido a entrega dos bilhetes aos pais. E lá foram dizendo, uns aproveitaram a minha sugestão, colocaram o bilhete num envelope e deixaram-no na caixa do correio, outros deixaram-nos num espaço da cozinha, outros no quarto, mas o feedback foi muito positivo. Foram-me dizendo que ficaram muito contentes com a surpresa, houve abraços e beijinhos, e uma coisa curiosa foi, alguns pais, perguntarem com quem é que eles tinham feito aquela tarefa. E claro está nisto dos afetos o/a professor/a de EMRC deve estar na vanguarda. Gostei imenso desta tarefa!

Nesta aula, o principal objetivo passou por destacar o papel dos mais idosos no contexto familiar. Procurei sublinhar a importância da relação com os idosos com base nos princípios de cooperação e solidariedade, reconhecendo a sua dignidade e assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

Os avós são muito importantes numa família. Não só pela ajuda que dão, mas também porque, com eles, a família está completa com as diversas gerações, com a riqueza e a experiência de cada idade, e com o calor e as expressões diferentes do mesmo amor.⁸⁹

Nada é mais rico do que uma vida longa que venceu dificuldades, fez descobertas, concretizou sonhos e gerou vida. Quem não amar e não prestar atenção aos mais velhos, não paga a dívida da gratidão que lhes é devida. Uma sociedade que não ama nem respeita os idosos é uma sociedade desumanizada, sem alma, sem futuro.

Nada do que nós desfrutamos e nos vem de longe apareceu ou chegou até nós por acaso. O que nos foi chegando e perdura é frequentemente, mais fruto do trabalho, da dedicação, do amor, com muitos sacrifícios e lutas pelo meio, daqueles que nos precederam, que do nosso trabalho e engenho pessoal.⁹⁰

Depois, do momento de acolhimento e de escrito o sumário, comecei por fazer a apresentação do vídeo: “Pai e filho: lição de vida”. Na sequência do vídeo e como forma de promover o diálogo à posteriori, pedi que fizessem uma pequena grelha de leitura com quatro questões. Foi-lhes dado algum tempo para responderem às questões e entretanto foram

⁸⁹ D. António MARCELINO, *A Vida também se lê*, II vol., Diocese de Aveiro, Gráfica de Coimbra, 1988, 163.

⁹⁰ António MARCELINO, *A vida também se lê*, III vol., op. cit., 139.

partilhadas as suas respostas. Nesta partilha procurei destacar a importância de aceitar as fragilidades dos mais idosos e de valorizar as dimensões do respeito e da gratidão, já que eles são os grandes portadores de sabedoria, cultura e valores. As duas últimas questões propostas no questionário estavam relacionadas com a sua própria vivência. Numa delas era-lhes pedido que identificassem algumas ações, atitudes ou comportamentos que podiam pôr em prática para proporcionar mais conforto aos familiares mais idosos, ao que eles foram respondendo: “visitá-los com mais frequência, passar mais tempo com eles”. E na última questão era-lhes pedido que registassem experiências, conhecimentos e valores que tenham adquirido por intermédio dos seus familiares mais velhos ou outros idosos. As respostas a esta questão faziam referência às visitas e às férias passadas com os avós, nalguns casos no campo. Fizeram referência, ainda, a alguns valores, tais como, a amizade, o respeito e o carinho.

Na segunda parte da aula apresentei um PowerPoint intitulado: “A jarra da avó”, que retrata a coragem e união familiar. Na sequência desta apresentação foi estabelecido um diálogo orientado com os alunos.

Para finalizar a aula apresentei a tela patchwork⁹¹, recordando a história da primeira aula: “A colcha feita de pedacinhos de família”, nela os alunos inscreveram os seus nomes, em jeito de compromisso. Este acabou por ser o resultado final do meu trabalho com os alunos, nesta unidade letiva. Aproveitei o momento, ainda, para oferecer uma pequena lembrança simbólica aos alunos, um porta-chaves em forma de casa.⁹²

A aula e a leção da unidade letiva, terminou, assim, com uma síntese da minha parte, incluindo a contribuição prestada por parte dos alunos, destacando, particularmente, a questão dos valores promotores da vida familiar.

A EMRC é também uma disciplina que deve estabelecer pontes com outros saberes, estimulando a interdisciplinaridade e a transversalidade promovendo, deste modo, uma educação verdadeiramente integral dos alunos. Neste sentido, apesar de não constar das planificações, a interdisciplinaridade esteve sempre presente, na leção desta unidade letiva, particularmente nos seguintes momentos:

⁹¹ Cf. Anexo nº3.

⁹² Cf. Anexo nº4.

Interdisciplinaridade	
Disciplinas	Conteúdos
História e Geografia	<ul style="list-style-type: none"> - A família: uma instituição na história - Localizar no mapa a terra onde Jesus nasceu, onde Jesus viveu com a sua família e a terra onde foi crucificado.
Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> - Os valores na vida familiar. - Analisar os direitos da família. - O lugar dos mais velhos. - Associações de apoio às famílias existentes em Portugal.
Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Dramatização do texto: “A colcha feita de bocadinhos da família”. - Leitura do poema de Vitorino Nemésio, “O Verbo e a Morte”.

2.1. Planificações

Para reforçar então tudo o que foi explanado, de seguida, passo a apresentar as planificações diárias que serviram de base para a lecionação da unidade letiva.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR Aula n.º 1 / 5			Ano: 6.º Turma: 4 Data: 07/01/2014 Tempo previsto: 45 minutos			
Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
Acolhimento e Sumário	SUMÁRIO: O conceito de família. Diferentes tipos de organização familiar. Leitura e interpretação da história: “A colcha de pedacinhos da família” de Isabel Stilwell.		Acolhimento aos alunos e Registo do Sumário	- Quadro e caneta - Caderno Diário	5 min.	
1 – O que é uma FAMÍLIA? ➤ Diferentes Tipos de organização familiar.	- Conhecer a origem e o significado da palavra família - Identificar modelos familiares distintos - Analisar causas e consequências dos novos modelos familiares emergentes.	- Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos. - Organizar um universo de valores orientado para a autenticidade.	- Visionamento de um pequeno vídeo: O maior presente é a família. - Apresentação PPT Conceito de família.	Projetor multimédia e computador.	1min 10min.	- Grelha de observação de aula: Participação/ rigor das intervenções (quantidade e qualidade);
			Leitura e interpretação orientada da história: “A colcha feita de bocadinhos da família” - Assinalar no texto as palavras que consideram		Fotocópias	

		<p>- Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.</p> <p>- Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade.</p>	<p>mais relevantes.</p> <p>- Solicitar a participação dos alunos no intuito de partilharem as suas experiências.</p> <p>– Salientar a importância dos laços familiares.</p>		15min.	<p>- Grelha de observação de aula: Participação rigor das intervenções (quantidade e qualidade).</p>
			<p>- Realização do exercício 1 da ficha 25.</p>	<p>- Caderno de atividades</p>	6min.	
OBSERVAÇÕES	A aula planificada poderá ser sujeita a alterações, consoante a resposta da turma ao tema e o enriquecimento proporcionado pelas suas intervenções.					
TAREFA	Procurar em casa pequenos retalhos de tecido.					

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR
Aula n.º 2 / 5

Ano: 6.º | Turma: 4
Data: 14/01/2014
Tempo previsto: 45 minutos

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
Acolhimento e Sumário	SUMÁRIO: A parábola do filho pródigo e a função humanizadora da família. Interpretação da história: “ A dívida para quem nos ama.”		Acolhimento aos alunos e registo do sumário. Recolha dos retalhos de tecido solicitados na aula anterior.	- Quadro e caneta - Caderno Diário	5 min.	
1 – Função humanizadora da família. • Família: lugar de comunhão	-Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação humanista e cristão. - Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo. - A grandeza do amor de Deus: um Pai paciente, que ama, perdoa e acolhe.	- Mobilizar os valores da cooperação, da solidariedade e da interajuda na construção da vida familiar. - Organizar um universo de valores promotores da vida familiar, relacionando-os com o fundamento religioso. - Interpretar criticamente factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.	- Leitura e interpretação da história: A dívida para quem nos ama, destacando a dimensão da gratuidade em família, onde através do afeto se educa e cresce no amor. - Solicitar a participação dos alunos no intuito de partilharem as suas vivências. - A família: lugar de comunhão. <i>Familiaris Consortio</i> .	- Projetor multimédia e computador - Projetor multimédia e computador -Manual.	10 min. 5 min. 3 min.	- Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade);

2 – A parábola do filho pródigo.		- Interpretar textos bíblicos sobre valores relevantes para a vivência familiar, identificados com o núcleo central da mensagem cristã, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	- Leitura e interpretação da parábola do filho pródigo. Deus como um Pai maravilhoso que ama, perdoa e acolhe.	Fotocópias.	7 min.	- Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade).
		- Organizar um universo de valores promotores da vida familiar, relacionando-os com o fundamento religioso.	- Realização dos exercícios propostos na ficha de trabalho.		8 min.	
			- Pedir aos alunos que estabeleçam um paralelismo entre as duas histórias abordadas na aula.		6 min.	
OBSERVAÇÕES	A aula planificada poderá ser sujeita a alterações, consoante a resposta da turma ao tema e o enriquecimento proporcionado pelas suas intervenções.					
TAREFA	Em colaboração com os pais realizar uma lista das qualidades de um bom filho.					

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR
Aula n.º 3 / 5

Ano: 6.º | Turma: 4
Data: 21/01/2014
Tempo previsto: 45 minutos

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
Acolhimento e Sumário	SUMÁRIO: A Família de Jesus de Nazaré.		Acolhimento e registo do sumário. Diálogo com os alunos relativo à tarefa da semana anterior.	- Quadro e caneta - Caderno Diário	10 min.	
1 – A Palestina no tempo de Jesus: <ul style="list-style-type: none"> • Caracterização geográfica, social, económica e política 	- Localizar no mapa a Palestina. - Conhecer o contexto histórico do país e as vivências socioeconómicas. As funções do homem, da mulher e dos filhos, na vida familiar, no tempo de Jesus. - Conhecer alguns episódios da vida familiar de Jesus.	- Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos. - Interpretar textos bíblicos que evidenciam o carácter pessoal de Deus como elemento fulcral da mensagem cristã, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. - Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a família de Nazaré.	- Animação: Palestina: A terra onde Jesus nasceu. - Diálogo orientado	- Projetor multimédia e computador.	6 min.	- Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade);
2- A vida da Família de Jesus de Nazaré.			- Solicitar a participação dos alunos. - Apresentação PPT: A Família de Jesus de Nazaré.	- Projetor multimédia e computador.	9 min	
<ul style="list-style-type: none"> • Comunidade de amor, ternura, ajuda mútua e perdão recíproco. 	- Identificar no discurso do Papa Francisco a chave para viver em Paz e ALEGRIA em família.		- Leitura do texto bíblico: Lc2, 41-51 - Alocução dominical do Papa Francisco no dia da Sagrada Família.	- Livro pág 120 - Projetor multimédia e computador.	7 min.	

		<ul style="list-style-type: none"> - Mobilizar os valores da cooperação, da solidariedade e da interajuda na construção da vida familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de uma pequena síntese. - Visionamento de um pequeno vídeo sobre a Basílica da Sagrada Família. - Fazer o crucigrama da ficha 27. 	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno de atividades do aluno. 	<p>7 min.</p> <p>2 min.</p> <p>4 min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade);
OBSERVAÇÕES	A aula planificada poderá ser sujeita a alterações, consoante a resposta da turma ao tema e o enriquecimento proporcionado pelas suas intervenções.					

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR
Aula n.º 4 / 5

Ano: 6.º | Turma: 4
Data: 28/01/2014
Tempo previsto: 45 minutos

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
Acolhimento e Sumário.	SUMÁRIO: A função socializadora da família.		Acolhimento aos alunos e registo do sumário.	- Quadro e caneta. - Caderno Diário	5 min.	
<p>1 – A criança aprende a relacionar-se com os outros no contexto familiar.</p> <p>➤ A vivência de valores como: o amor, o respeito, a responsabilidade, a cooperação, a solidariedade, (...).</p>	<p>- Reconhecer a família como uma estrutura fundamental da sociedade, a primeira sociedade natural, que tem como missão a transmissão da vida e a educação dos filhos. É a primeira responsável pela integração dos seus membros na sociedade. (DSI)</p> <p>- Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.</p> <p>- Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de</p>	<p>- Mobilizar os valores da cooperação, da solidariedade e da interajuda na construção da vida familiar, através de gestos concretos.</p> <p>- Organizar um universo de valores promotores da vida familiar, relacionando-os com o seu fundamento religioso.</p>	- Apresentação do vídeo: “Dar a volta”	- Projetor multimédia e computador.	4 min.	- Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade).
			- Registo das reflexões individuais.	- Ficha de registo de registo individual.	8 min	
			- Leitura aleatória e anónima de algumas reflexões.	- Pasta de retalhos para colocar as reflexões dos alunos.	6 min.	
			- Redigir um bilhete aos pais (pai/mãe), agradecendo-lhes toda a sua dedicação.	- Cartão para redigir bilhete.	7 min.	

	interpretação humanista e cristão.					
2 – A família é reconhecida pela Igreja, pelo Estado, pelos organismos internacionais e pela sociedade civil como a estrutura basilar da comunidade humana.	- Conhecer os deveres da sociedade no intuito de promover/proteger a família através de medidas de carácter político, económico, social e jurídico, que contribuem para consolidar a sua unidade e estabilidade.	- Desenvolver o sentido crítico perante as injustiças sociais, preparando-se para dar o seu contributo na construção de sociedades justas e autênticas.	- Apresentação da Carta dos Direitos da Família, promulgada pelo Pontifício Conselho para a Família em 22 de outubro de 1983.	- Projetor multimédia e computador.	6 min.	- Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade).
			- Leitura do artigo 67 da Constituição da República Portuguesa.	- Manual pág. 126.	4 min.	
			- Fazer exercício 1 da ficha 29.	-.Caderno de atividades.	5 min.	
OBSERVAÇÕES	A aula planificada poderá ser sujeita a alterações, consoante a resposta da turma ao tema e o enriquecimento proporcionado pelas suas intervenções.					
TAREFA/COMPROMISSO	Durante a semana os alunos deverão estar mais atentos à sua “equipa”/família.					

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR.
Aula n.º 5 / 5

Ano: 6.º | Turma: 4
Data: 11/02/2014
Tempo previsto: 45 minutos

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
Acolhimento e Sumário	SUMÁRIO: O papel dos mais idosos no ambiente familiar.		Acolhimento aos alunos e registo do sumário. Pequeno diálogo relativo aos bilhetes redigidos pelos alunos, aos seus pais, na aula anterior.	- Quadro e caneta - Caderno Diário	7 min.	
1 – Os mais idosos e o contexto familiar. <ul style="list-style-type: none"> ➤ A riqueza da terceira idade que acumula experiência, sabedoria, cultura e valores. ➤ A contribuição dos avós na formação dos netos. 	- Reconhecer a importância dos idosos na transmissão dos afetos e do património que se comunica de geração em geração. - Identificar ações, atitudes ou comportamentos que se podem pôr em prática para proporcionar mais conforto aos familiares mais idosos.	- Relacionar-se com os idosos com base nos princípios de cooperação e solidariedade, reconhecendo a sua dignidade e assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo. - Mobilizar os valores da gratidão, do respeito e da interajuda na construção da vida familiar.	- Apresentação do vídeo: “Pai e filho: lição de vida”.	- Projetor multimédia e computador.	6 min.	- Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade);
			- Realização de uma ficha de trabalho individual.	- Ficha de trabalho.	7 min	
			- Partilha de algumas das respostas.		5 min.	

<p>2 – A inserção e a realização do idoso na sociedade.</p> <p>➤ O direito das pessoas idosas à segurança económica, a condições de habitação e ao convívio familiar e comunitário.</p>	<p>-Reconhecer os deveres da sociedade no intuito de promover/proteger o valor inestimável dos idosos através de medidas de carácter político, económico e social, que contribuem para a sua realização e inserção na sociedade.</p>	<p>- Relacionar-se com os idosos com base nos princípios de cooperação e solidariedade, reconhecendo a sua dignidade e assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.</p>	<p>- Apresentação PPT: “A jarra da avó” e diálogo orientado com os alunos.</p>	<p>- Projetor multimédia e computador</p>	<p>6 min.</p>	<p>- Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade).</p>
			<p>- Leitura do artigo 72º da Constituição da República Portuguesa.</p>	<p>-Manual página 135.</p>	<p>5 min.</p>	
			<p>- Esta última aula da unidade culminará com a apresentação da tela patchwork, na qual os alunos inscrevem os seus nomes. Recordando a história da primeira aula: “A colcha de pedacinhos da família” de Isabel Stilwell.</p> <p>- A professora fará uma síntese final que incluirá a contribuição prestada por parte dos alunos, destacando, particularmente, a questão dos valores promotores da vida familiar.</p> <p>- Será entregue aos alunos uma pequena lembrança.</p>	<p>- Tela patchwork.</p>	<p>9 min.</p>	
<p>OBSERVAÇÕES</p>	<p>A aula planificada poderá ser sujeita a alterações, consoante a resposta da turma ao tema e o enriquecimento proporcionado pelas suas intervenções.</p>					

2.2. Avaliação da unidade letiva

Apresentada a unidade letiva e as respetivas planificações, é chegada a hora de fazer a avaliação da prática letiva.

A etapa da avaliação afigura-se como essencial, e consiste em aferir a pertinência da organização de todo o processo de ensino-aprendizagem na forma como foi planeado e levado à prática pelo docente. Um dos principais objetivos do momento da avaliação é a correção de eventuais falhas que possam ocorrer.

Assim, de seguida, passarei a identificar alguns dos aspetos mais e menos positivos.

Gostei muito da participação de todos os alunos da turma, cada um com a sua particularidade e especificidade. No geral mostravam-se muito participativos e por isso procurei dar-lhes espaço para as suas intervenções o que fez com que, uma ou outra planificação, não tivesse sido cumprida na totalidade. No entanto, as aulas planificadas corresponderam, na sua essência, às aulas lecionadas. Na minha opinião os diálogos foram enriquecidos porque previamente tinham sido preenchidos pequenos questionários de três ou quatro questões. Devo ainda destacar como aspeto positivo o momento do acolhimento. Considero este momento como crucial para o bom decurso da aula. Assim, uma prática minha foi, e continuar a ser, receber os alunos logo à entrada da sala de aula.

Como menos positivo, registo o facto de nem todos os alunos terem conseguido trazer o pedaço de tecido para concretizar a tela final. O comportamento menos assertivo de um ou outro aluno, mas também considero isso como um desafio, até porque temos cada vez mais crianças, adolescentes e jovens muito ativos em sala de aula.

Para procurar fazer uma avaliação mais cuidada dos alunos foi criada uma grelha de registo diário de desempenho.⁹³

O balanço final é francamente positivo!

⁹³ Cf. Anexo n.5

CONCLUSÃO

No decurso do trabalho fui percebendo que o tema que me propus trabalhar apresenta um manancial de recursos, não só do Magistério da Igreja, mas também da sociedade civil em geral, os quais me possibilitariam fazer diversificadas abordagens. No entanto, tinha que tomar opções e foi o que fiz com esta apresentação.

Neste sentido um dos principais objetivos, deste trabalho, foi ressaltar de entre os diferentes contributos, a perspetiva e a esperança cristã relativamente à família e ao seu futuro. A família apesar de algumas perturbações e sementes de desagregação continua a ser uma realidade natural, uma escola de valores morais e cívicos e de relações humanizadas. Por isso, defender e apoiar a família é um dever de todos nós. O matrimónio e a família são realidades fundamentais e estruturais, não só da vida da Igreja, mas da sociedade em geral.

João Paulo II na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* entrega, de modo muito especial às famílias, o encargo e a tarefa de anunciarem e construírem a esperança no mundo. Referindo:

Vós sois o santuário da vida, lugar onde a vida, dom de Deus pode ser acolhida e protegida e se desenvolver de harmonia com as exigências de um crescimento humano autêntico (...) Vós sois o fundamento da sociedade, enquanto lugar primeiro de humanização da pessoa e da vida civil, modelo de relações sociais vividas no amor e na solidariedade.⁹⁴

Apesar de algumas mudanças registadas, a família mesmo nas sociedades mais evoluídas, continua a assumir um lugar de relevo e um valor fundamental na vida das pessoas.

Fui percebendo, e também pela minha prática diária, enquanto professora/educadora, que efetivamente é necessário reapropriarmo-nos de determinados conhecimentos, de determinados valores, para que depois nos sintamos implicados e os consigamos vivenciar. E neste contexto considero a educação em e na família de extrema importância. Neste momento reconheço mais uma vez o quão valiosa foi e continua a ser educação que recebi dos meus pais.

O presente trabalho, ajudou-me a crescer, serviu para alimentar o meu gosto pelas questões familiares e mais do que representar o fim de uma etapa, assevera em mim o desejo da procura.

⁹⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, op. cit., n.94

Ao concluir esta reflexão, sei que muito ficou por dizer. Mas por mais insignificante que possa parecer aos olhos de muitos mortais, para mim este humilde trabalho representa uma luta, por vezes dolorosa, por vezes comigo mesma, pois considero que esta foi mais uma prova para testar os meus limites e a minha capacidade de resiliência, enquanto mãe (órfã de mãe), esposa, filha, irmã e professora.

Adaptando uma frase de Daniel Sampaio⁹⁵ diria, nas dificuldades, aprendi a importância da família.

Dou graças a Deus também pela força que me dá!

⁹⁵ Cf. Daniel SAMPAIO, *Da família, da escola, e umas quantas coisas mais*, op. cit., 158.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Joaquim “Família, educação e escola”, CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed. Principia, Cascais, maio, 486.
- BENTO XVI, *Audiência aos participantes da XX Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Família*, 02/12/ 2011.
- BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005), in *AAS*, n.3 (2006), 217-252.
- BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (22 de fevereiro de 2007), in *AAS* 99 (2007), n. 3, 105-180.
- CARNEIRO, Maria Rosário, “Um filho é um sítio único, é uma possibilidade única. É uma aventura, é uma dádiva”, in *Boletim Salesiano* nº543, 2014.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2ª ed. Gráfica de Coimbra, 2000.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral Educação: Direito e dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos*, SNEC, Lisboa, 2002.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral, A Escola em Portugal - Educação integral da Pessoa Humana*, SNEC, Lisboa, 2008.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral, A Família, esperança da Igreja e do mundo*, SNEC, Lisboa, 2004.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed. Principia, Cascais, maio 2010.
- DIAS, M. Madureira, “A visão cristã da família”, in *Communio, Revista Internacional Católica*, nº6, 1986, 511-527.

FISICHELLA Rino, “Família cristã e mudança cultural”, CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed. Principia, Cascais, maio 2010, 353-361.

GHASARIAN, Christian, *Introdução ao Estudo do Parentesco*, Terramar, 1996.

JOÃO PAULO II Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, (25 de março de 1995), in ASS 87, 401-522.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (22 de novembro de 1981), in AAS 74 (1982) 81-191.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, (28 de junho de 2003) in AAS 95, 4, 649-719.

LEANDRO, M. Engrácia, “Transformações da família na história do ocidente”, in *Theologica*, 2ª Série, 2006, 53.

LEANDRO, Maria Engrácia, “Transformações da família na história do ocidente”, in *Theologica*, 2ª série, fasc.1, 2006, 51-74.

MARCELINO, António, *A vida também se lê*, II vol., Diocese de Aveiro, gráfica de Coimbra 2002, 290-300.

MARCELINO, António, *A vida também se lê*, III vol., Diocese de Aveiro, gráfica de Coimbra, 2006, 133-163.

NORIEGA, M. Lacalle, ESTEBAN, Andrés Martinez, *La Familia Recursos e conflictos en la Sociedad Contemporánea*, Madrid, Presencia e Diálogo, Facultad de Teología de San Dámaso, 2009.

NUNES, Frei José, “Evangelização Tarefa de ontem, hoje e sempre”, in *Pastoral Catequética* n.5, 2006, 19-25.

PAULO VI, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, (7 de dezembro de 1965), in AAS 58 (1966), 1025-1115.

- PAULO VI, Declaração *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965), in *AAS* 58 (1966), 728-739.
- PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, (8 de dezembro de 1975), in *AAS* 78 (1966), 5-76.
- PEREIRA, Jorge Augusto, *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral e Religiosa Católica*, 6º ano, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Gráfica de Coimbra, Lisboa, 2009.
- PEREIRA, Jorge Augusto, *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral e Religiosa Católica*, Ensinos Básico e Secundário, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Gráfica Almondina, Lisboa, 2007.
- RIBEIRO, Maria Teresa, “Família e psicologia: Intervenções educativas, preventivas e terapêuticas”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed. Principia, Cascais, maio 2010, 447-461.
- SAMPAIO, Daniel, *Da Família, da Escola, e Um Quantas Coisas Mais*, Editorial Caminho, Lisboa, 2011.
- SANTOS, D. António Francisco dos “ O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional” in *Pastoral Catequética*, 21 /22, 2011 /2012, 16-19.
- SARACENO, Chiara, *Sociologia da Família*, imprensa universitária, editorial estampa, 1992.
- SILVA, Augusto, “Permanência e mudança da família na sociedade de hoje”, in *Communio, Revista Internacional Católica*, nº6, 1986, 483-494.
- SOUSA, Júlio Emílio Pereira de, “As famílias como projectos de vida: o desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade”, in *Saber e Educar* nº11, 2006, 41-47.
- VIDAL, Marciano, “Teología de la familia y políticas familiares”, in *Moralia, Revista de ciências morais*, vol. XIII, nº49, 1991, 331-356.

Netgrafia

BENTO XVI, Carta à Diocese e à Cidade de Roma sobre a Tarefa Urgente da Formação das Novas Gerações, 21 de Janeiro de 2008. Texto disponível online em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2008/documents/hf_benxvi_let_20080121_educazione_po.html, consultado em 05/02/2014.

D. José POLICARPO, Conferência "Cultura, Escola e Religião" proferida, durante o Fórum EMRC 2014. Texto disponível online em <http://www.sder.pt/>, consultado em 17/03/2014.

III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*, Documento preparatório, Vaticano 2013. Texto disponível online em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20131105_iii-assembly-synodo-vescovi_po.html, consultado em 10/02/2014.

JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às famílias*, 2 fevereiro 1994, n.7. Texto disponível online em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jpii_let_02021994_families_po.html, consultado em 10/02/2014.

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), n.6. Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_e_xhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html, consultado em 23/02/2014.

SECRETARIADO NACIONAL da EDUCAÇÃO CRISTÃ, Fórum Preparar a Escola. Preparar o Futuro, 23/01/2010. Texto disponível online em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/print.pl?id=77398>, consultado em 12/03/2014.

ANEXOS

A colcha feita de bocadinhos da família

A Maria queria aprender com a avó a coser. Coser com linhas, agulhas e dedais. A avó estava sempre a coser. A avó tinha-lhe feito bibes e vestidos de festa, e tinha feito vestidos para as suas bonecas. Ah, e camisas de noite, muito

compridas, que pareciam vestidos de baile, e que a Maria usava quando dormia em casa das primas, a quem a avó também tinha feito camisas de noite iguais. Normalmente, eram aos quadrinhos.

A avó também fazia colchas com losangos de tecido, todos cosidos uns aos outros, bocadinho a bocadinho, até que eram muitos tecidos num só, com todas as

cores possíveis e imaginárias. Chamavam-se *colchas de patchwork*, ou de retalhos, como também se dizia.

A colcha da cama da avó e do avô era assim, e quando a Maria dormia em casa dela, faziam um jogo juntas. Depois do



banho, quando já estava penteada e com os dentes lavados, a Maria sentava-se num canto da cama e apontava para um tecido às flores:

– Veio de onde avó?

– Olha, olha, esse às flores é do vestido que usei para o casamento da tia Meana.

E a avó fazia um sorriso muito meigo, e via-se que, na cabeça dela, aparecia o dia em que a filha mais velha se tinha casado.

– E aquele, cor-de-rosa às pintinhas? – apontava a Maria.

– Gosto tanto desse. Não gostas, Maria? Esse, esse era dos vestidos que fiz para a Sofia, para a Marta e para a Mariana. Ficavam tão queridas, todas de igual. E a avó começava a sorrir outra vez, porque se lembrava de quando as netas mais velhas eram pequeninas.

– Mas só há aqui bocadinhos da roupa de meninas? – perguntou a Maria. – É uma colcha de meninas? – insistiu.

– Não, não, nada disso. Olha ali para aquele tecido das risquinhas azuis? É uma camisa do avô Francis, que já estava muito velhinha. Tive de lha tirar às escondidas – dizia a avó a rir. – Ele só gostava de usar as mais gastas... E olha, Maria, aquele, aquele e aquele – e continuava a apontar, o dedo muito rápido – são dos bibes do tio Peter, do tio Martin, do tio Nerny e do tio Dodi.

Os olhos da avó brilhavam:

– Tenho muita sorte em ter tantos filhos e tantos netos e agora que me estás a chamar a atenção para cada losango, percebi que os tinha todos nesta colcha. É um *patchwork* de todas as pessoas para quem já cosi.

Era por isso que a Maria queria aprender a coser assim; aqueles pontos perfeitos e muito pequeninos, sempre iguais, com que a avó juntava todos os bocadinhos importantes da sua vida.

A Maria ultimamente andava triste, e achava que se conseguisse aprender a coser, se calhar podia remendar as coisas que estavam mal, porque as camisas ficam velhinhas, os vestidos rasgados, e até as camisas de noite deixam de nos caber quando crescemos. Mas, a avó não deitava essas coisas fora, juntava-as todas e, em vez de transformar aqueles tecidos em panos do pó, fabricava colchas, colchas tão bonitas.

A Maria ganhou coragem e perguntou:

– Avó, a avó também remenda corações?

A avó olhou para ela, para a sua neta de cabelos castanhos e compridos e olhos muito grandes, e teve vontade de perguntar muita coisa. E até de chorar. Mas a avó não era pessoa de perguntar muitas coisas, nem de chorar muitas lágrimas, a avó era mesmo de remendar, o melhor que podia e sabia. Por isso, pondo-se muito direitinha no canto da cama em que estava sentada, disse:

– Como vês, Maria, sou muito esperta, consigo juntar os bocadinhos mais pequenos de tecidos e fazer colchas, e antes das colchas fiz vestidos e camisas de noite, e camisas, por isso, sim, sei remendar corações. Se me deres o teu, fica pronto até amanhã de manhã. A Maria estendeu o coração dela à avó e adormeceu na cama que era do avó, antes dele ter ido para o Céu. Quando acordou de manhã, tinha, ao pé da almofada, o seu coração, todo inteiro e sem rasgões. Arrumou-o no sítio dos corações e sentiu-se cheia

de fome. Saltou da cama e comeu o maior pequeno-almoço que alguma vez uma menina pequenina comeu.

Muitos anos depois esteve ao lado da avó quando ela fechou os olhos e foi ter com o avó, e não ficou muito, muito triste, porque a avó tinha um sorriso muito contente na cara, porque sabia que, para além do avó, ia ser recebida à porta do Céu por Deus, que ela já conhecia muito bem, e há muitos anos, mas a quem nunca tinha apertado a mão, assim mão na mão, como na Terra se aperta às pessoas de quem gostamos.

A avó não se tinha esquecido daquele dia em que ela e a Maria tinham descoberto a família em cada bocadinho de pano daquela colcha. Deixou a colcha à Maria. Quando a estendeu sobre a sua própria cama, a Maria viu que havia um losango que era muito mais recente do que os outros: a avó trocara um dos mais antigos, por outro feito com um bocadinho do seu coração. Só para a Maria.



ISABEL

A dívida para quem nos ama

Numa certa tarde, um menino aproximou-se da sua mãe, que preparava o jantar, e entregou-lhe uma folha de papel com algo escrito. Depois que ela secou as suas mãos e tirou o avental, leu o bilhete que dizia: a) Por cortar a relva do jardim: 3 euros; b) Por limpar o meu quarto esta semana: 1 euro; c) Por ir ao supermercado em teu lugar comprar uma coisa que te faltou: 2 euros, d) Por tomar conta do meu irmãozinho, enquanto ias às compras: 2 euros; e) Por colocar o lixo no contentor durante toda a semana: 1 euro; f) Por ter tirado boas notas no final do período: 5 euros; g) Por limpar e varrer o quintal: 2 euros; h) TOTAL DA DÍVIDA: 16 euros.

A mãe olhou para o filho que aguardava cheio de expectativa. Finalmente, ela pegou um lápis, e no verso do mesmo bilhete, que o filho lhe tinha dado escreveu: a) Por te levar nove meses na minha barriga e dar-te a vida: NADA; b) Por tantas noites sem dormir, curar as tuas doenças e rezar por ti: NADA; c) Pelos problemas e pelo choro que me causaste: NADA; d) Pelo medo e pelas preocupações que ainda me esperam: NADA; e) Por te ter dado de comer, e de vestir e pelos brinquedos que te chegaram às mãos: NADA; f) Por tantas vezes te ter limpadado o nariz: NADA; custo total do meu amor: NADA. Quando aquele menino terminou de ler o que a sua mãe tinha escrito, os seus olhos encheram-se de lágrimas. Olhou nos olhos da mãe e disse: “mãe tu sabes que eu gosto muito de Ti!”. Após isso, pegou um lápis e escreveu com uma letra enorme: **“TOTALMENTE PAGO”**

Autor desconhecido

Apresenta as ideias/reflexões sobre a aprendizagem que fizeste com esta história.





Anexo 4



